

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Bristol, Reino Unido)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

**VOLUME COMEMORATIVO DO
XX ANIVERSÁRIO**

do

**Centro de Estudos Arqueológicos
do Concelho de Oeiras**

(Câmara Municipal de Oeiras)

1988 - 2008

Editor Científico:
João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO BRONZE PLENO DO LITORAL ALENTEJANO: O MONUMENTO II DO PESSEGUEIRO

Carlos Tavares da Silva¹ & Joaquina Soares²

1. INTRODUÇÃO

No litoral alentejano, planície que se estende entre a linha de costa e os relevos de orientação N-S constituídos pelas serras de Grândola e do Cercal, foram, até ao presente, escavados cinco monumentos funerários pertencentes ao “Bronze do Sudoeste” (SCHUBART, 1975), ou, mais precisamente, ao Bronze Pleno do Sudoeste (SOARES & SILVA, 1995): Provença (SANTOS *et al.*, 1974 e 1975; SILVA & SOARES, 1981), Quitéria (SILVA & SOARES, 1981), Pessegueiro (Monumento I – SILVA & SOARES, 1979 – e Monumento II – objecto da presente publicação) e Casas Velhas (escavações inéditas do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, sob a direcção dos signatários). Os quatro primeiros cemitérios situam-se no concelho de Sines e a curta distância do mar, e o último, no concelho de Grândola, freguesia de Melides, a cerca de 6 Km da linha de costa (Fig. 1).

Sobretudo com base nos resultados dessa investigação e no que concerne às práticas funerárias, foi possível isolar, resumidamente, os seguintes aspectos, na sua maior parte comuns a todo o Sudoeste Peninsular (CARDOSO, 2002; GARCIA SANJUÁN, 1998; GIL-MASCARELL *et al.*, 1986; GOMES, 1994; GOMES *et al.*, 1986; PAVÓN, 1995; SCHUBART, 1975):

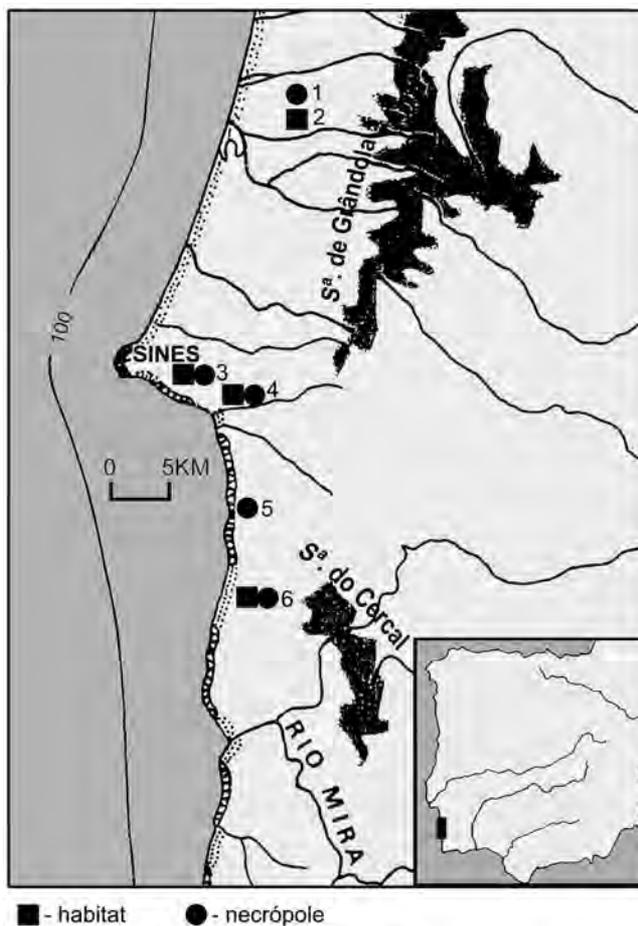


Fig. 1 – Localização dos sítios do Bronze Médio no Litoral Alentejano: 1 – Casas Velhas (necrópole); 2 – Montum (habitat); 3 – Quitéria (habitat e necrópole); 4 – Provença (habitat e necrópole); 5 – Oliveirinha (habitat de mariscadores); 6 – Pessegueiro (habitat e necrópole).

¹ Centro de Estudos Arqueológicos, MAEDS. ctavaressilva@gmail.com

² Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS). joaquina-soares1@gmail.com

- As necrópoles são em geral constituídas por mais de um monumento funerário, o qual é, por sua vez, formado por um agregado de sepulturas bem delimitado. Estas necrópoles organizam-se nas proximidades do *habitat* (Casas Velhas) ou são mesmo contíguas ao espaço residencial, como se verificou na Provença, Quitéria e Pessegueiro, tendo sido neste último sítio identificados cinco monumentos (escavados dois), envolvendo directamente o respectivo povoado;
- Cada monumento é formado por número variável de sepulturas, de tipo cista, sub-rectangulares, em geral individuais, raramente ultrapassando 1 m de comprimento interno, e cobertas por tampa, maioritariamente monolítica;
- Podem ocorrer reutilizações de contentores funerários no decurso do funcionamento das necrópoles, evidenciadas por inumações sobrepostas (sepultura 24 da Quitéria);
- Foram registadas práticas de constituição de depósitos secundários, por exemplo, no *tumulus* da sepultura 10 da Quitéria, através de redeposição de vaso completo e de crânio humano contido em caixa de arenito dunar (ritual com semelhanças ao observado em Alcaria do Pocinho, Vila Real de Santo António – crânio depositado em taça carenada –, e em Alcaria, Monchique – crânio em caixa pétrea, no interior de sepultura).
- Cada sepultura era coberta por pequeno *tumulus*, com a base delimitada por esteios que definiam recinto de planta sub-rectangular, nos cemitérios da Provença, Quitéria e Pessegueiro; estes recintos tumulares confinam entre si, dando ao monumento o aspecto geral de favo; os *tumuli* teriam sido, pelo menos parcialmente,

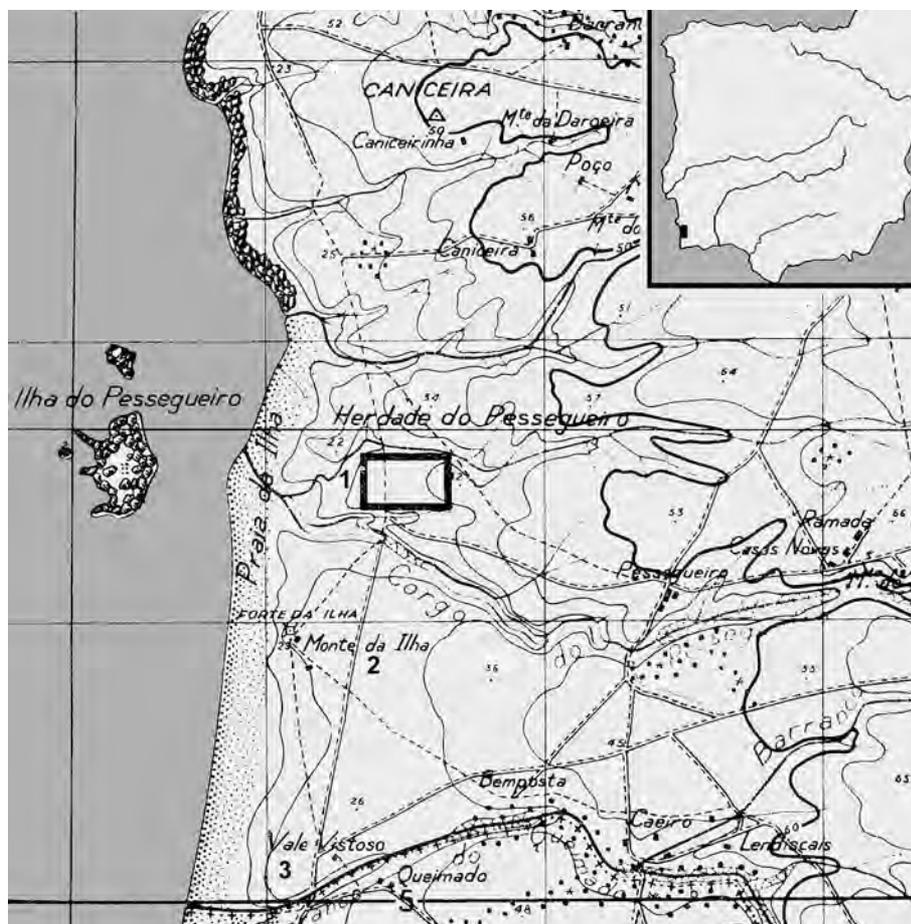


Fig. 2 – Localização do Pessegueiro na Carta Militar Portuguesa.

- construídos com terras provenientes da área habitacional (Pessegueiro); o cemitério das Casas Velhas não possui recintos tumulares, à semelhança de muitas outras da área do Sudoeste (Corte do Guadiana, em Castro Marim, La Travesia em Huelva, Las Palomas em Badajoz);
- Quando se observam recintos tumulares de diferentes dimensões, como no núcleo sul do monumento da Provença (ou em Atalaia, ou em Alfarrobeira), os maiores correspondem tendencialmente às sepulturas mais antigas;
 - O morto, colocado em posição contraída (“fetal”), em decúbito lateral e não coberto por terra, é acompanhado, na maior parte das vezes, por um recipiente em cerâmica; numerosas sepulturas, embora sem sinais de violação (inclusivamente seladas pela tampa *in situ*, como na Provença) não oferecem qualquer espólio; muito raramente, apresentam ricos conjuntos artefactuais (sepultura 12 da Provença).
 - Outros marcadores de diferenciação social ocorrem mais raramente: revestimento por lajeado do fundo de sepulturas (sepultura 18 de Quitéria); tampas com a superfície externa insculturada com “covinhas” (sepultura 23 de Provença).

É neste domínio funerário que se inscreve o Monumento II do Pessegueiro, cujo estudo agora se publica.

2. LOCALIZAÇÃO

A jazida da Idade do Bronze do Pessegueiro (também conhecida por Cemitério dos Mouros) situa-se na herdade do mesmo nome, no litoral alentejano (Figs. 1, 2 e 3), a 2 Km para SSE da fortaleza de terra do Pessegueiro (coordenadas hectométricas da Quadricula Militar Portuguesa: X= 142 5; Y= 96 5; Carta Militar de Portugal, esc. 1: 25000; F. 535, 1952).



Fig. 3 – Fotografia aérea do sítio arqueológico do Pessegueiro.

Os monumentos funerários da Idade do Bronze e o respectivo núcleo habitacional implantaram-se em uma área plana, aberta e baixa, de aproximadamente 300 m x 180 m, sobre formações plio-pleistocénicas (arenito argiloso mal consolidado, castanho-amarelado). O Monumento II do Pessegueiro localiza-se no sector noroeste da área escavada, a cerca de 50 m para NW do Monumento I, já publicado, e a 50 m para WNW, do núcleo habitacional (Fig. 4).

Somente a cerca de 500m da linha de costa, o sítio arqueológico ocupa um interflúvio, cujas linhas de água, a poucas dezenas de metros do oceano, se unem, desaguando por um único talvegue, frente à Ilha do Pessegueiro. O “canal” que separa a ilha de terra oferece excelentes condições de fundeadoiro, que certamente foram aproveitadas para apoio à actividade piscatória desta comunidade da Idade do Bronze. Na margem esquerda do Corgo do Pessegueiro, que limita a Sul o Cemitério dos Mouros, identificámos e escavámos, nas imediações do Monte da Ilha, um outro extenso núcleo do Bronze do Sudoeste, infelizmente muito destruído pela acção das lavouras mecanizadas.

3. TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

Identificado em 1972, aquando do início da prospeccção sistemática realizada pelo Grupo de Trabalhos Arqueológicos do Gabinete da Área de Sines, o Cemitério dos Mouros foi objecto de extensas escavações dirigidas pelos autores, coadjuvados por Joaquim Vilhena, entre 1975 e 1979, que abrangeram a área de aproximadamente

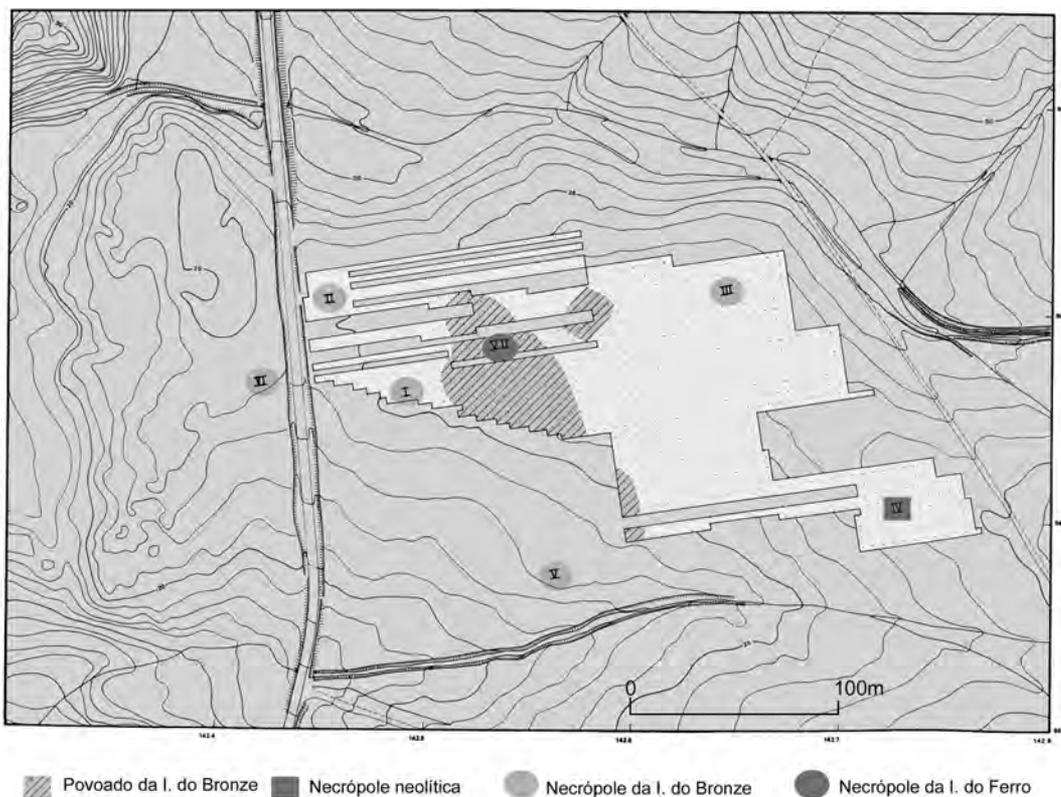


Fig. 4 – Pessegueiro. Área escavada. Monumentos sepulcrais: IV – Neolítico; I, II, III, V e VI – Bronze Médio; VII – Idade do Ferro.

20 000 m² e permitiram identificar o núcleo habitacional do Bronze Pleno do Sudoeste, rodeado por cinco monumentos sepulcrais da mesma época, situados, como já referimos, a curta distância daquele. Pela primeira vez na história da investigação sobre a Idade do Bronze no Sul Peninsular era identificado um *habitat* da “cultura” do Bronze do Sudoeste e se apreendia a correspondente relação espacial povoado-necrópole. Na zona mais oriental da área escavada foi posto a descoberto um monumento funerário neolítico constituído por cinco sepulturas individuais (Mon. IV – Fig. 4) e, sobreposto ao habitat da Idade do Bronze, um núcleo sepulcral da Idade do Ferro (Fig. 4, Mon.VII), correlacionável com a mais antiga ocupação identificada na Ilha do Pessegueiro.

Estes resultados, bem como o estudo arqueológico do Monumento I, foram já apresentados através de diversas publicações (SILVA & SOARES, 1979, 1980, 1981), para as quais remetemos o leitor, principalmente para a de 1979, onde a metodologia de escavação foi amplamente considerada.

Postas a descoberto as principais estruturas do Monumento II, durante essa longa campanha de escavações, de 1975 a 1979, que se desenvolveu sobretudo em área, só em 1985 o interior das sepulturas que o integram foi objecto de escavação através de um campo de trabalho promovido pela Direcção de Relações Públicas do Gabinete da Área de Sines, pelo FAOJ e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal que para aí destacou a arqueóloga Antónia Coelho Soares e o técnico de arqueologia Júlio Costa.

4. ESTRUTURAS SEPULCRAIS

4.1. Estado de conservação

O estado de conservação do Monumento II do Pessegueiro pode ser considerado razoável, face ao contexto pós-deposicional pouco favorável, do qual se destacam duas ordens de factores:

- Acção da agricultura, embora não mecanizada. Deslocação e fragmentação de todas as tampas sepulcrais. Afecção da parte superior dos esteios, impossibilitando, de um modo geral, a determinação da profundidade original e, portanto, do volume dos contentores sepulcrais. Destruição de algumas das estruturas que delimitavam os recintos tumulares. Tais destruições fizeram-se sentir sobretudo na periferia do monumento, onde, pela menor densidade de estruturas, a charrua teria atingido maior profundidade e maior poder destrutivo.
- Violações (Fig. 5), que teriam ocorrido, pelo menos em parte, na sequência dos trabalhos agrícolas atrás referidos. Se considerássemos somente as sepulturas que forneceram espólio funerário (artefactos e/ou material osteológico humano), em número de oito, podíamos afirmar que 30% dos contentores sepulcrais não sofreram violações. No entanto, de acordo com as características sedimentológicas/estratigráficas do enchimento das sepulturas, 12 delas, ou seja, 45% (n.ºs 2, 5, 6, 9, 10, 14, 18, 23, 24, 25, 26, e 27) mostraram evidentes sinais de violação. Assim, 55% não teriam sido violadas, valor que podemos considerar elevado se atendermos ao que se verifica na maior parte das necrópoles do Bronze Pleno do Sudoeste Peninsular (GARCIA SANJUÁN, 1998, 104-106).

4.2. Organização espacial

O Monumento II do Pessegueiro (Fig. 5) é constituído por 27 sepulturas, todas de tipo cista. Este número permite integrá-lo no grupo dos monumentos sepulcrais do Bronze Pleno do Sudoeste com maior número de tumulações.

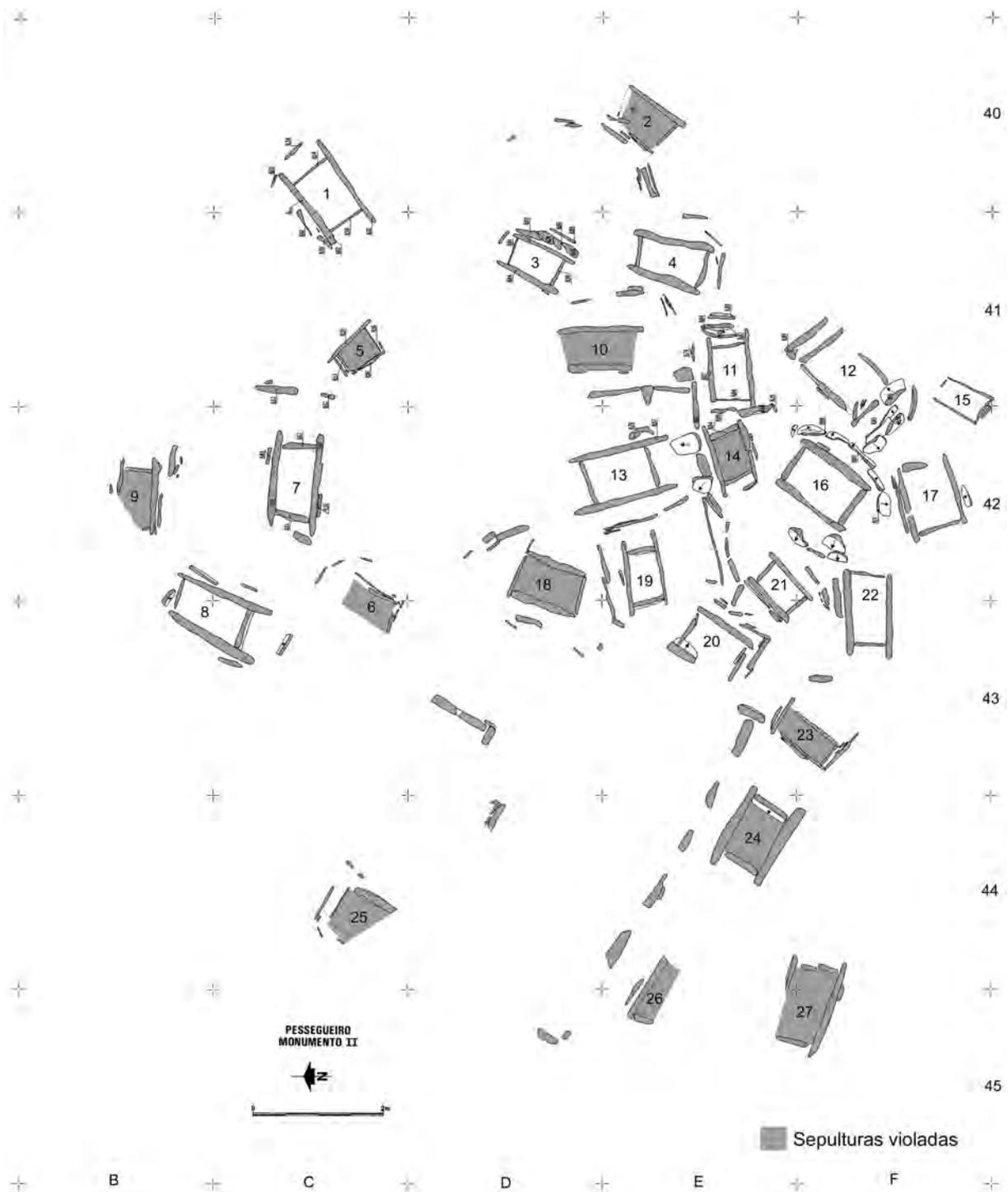


Fig. 5 – Planta do Monumento II do Pessegueiro.

Com efeito, na área do Sudoeste Peninsular, o grupo de monumentos com mais de 13 sepulturas representa somente 5%; a esmagadora maioria (cerca de 67%) possui 5 ou menos enterramentos (GARCIA SANJUÁN, 1998, p. 106).



Fig. 6 – Sepultura 13 e parte do respectivo recinto tumular.

Porém, o Monumento II do Pessegueiro, que abrange área de planta aproximadamente oval, com cerca de 16 m de eixo maior (orientação E-W) e 14 m de eixo menor (orientação N-S), parece ter resultado da fusão de quatro núcleos sepulcrais (A, B, C e D), distintos, ainda que muito próximos uns dos outros, polarizados respectivamente pelas sepulturas 7, 13, 16 e 24 (Fig. 8). Os dois primeiros chegaram até nós separados por área reservada de estruturas funerárias. Pelo contrário, os núcleos das sepulturas 13, 16 e 24 acabaram por se ligar, entrosando-se completamente.

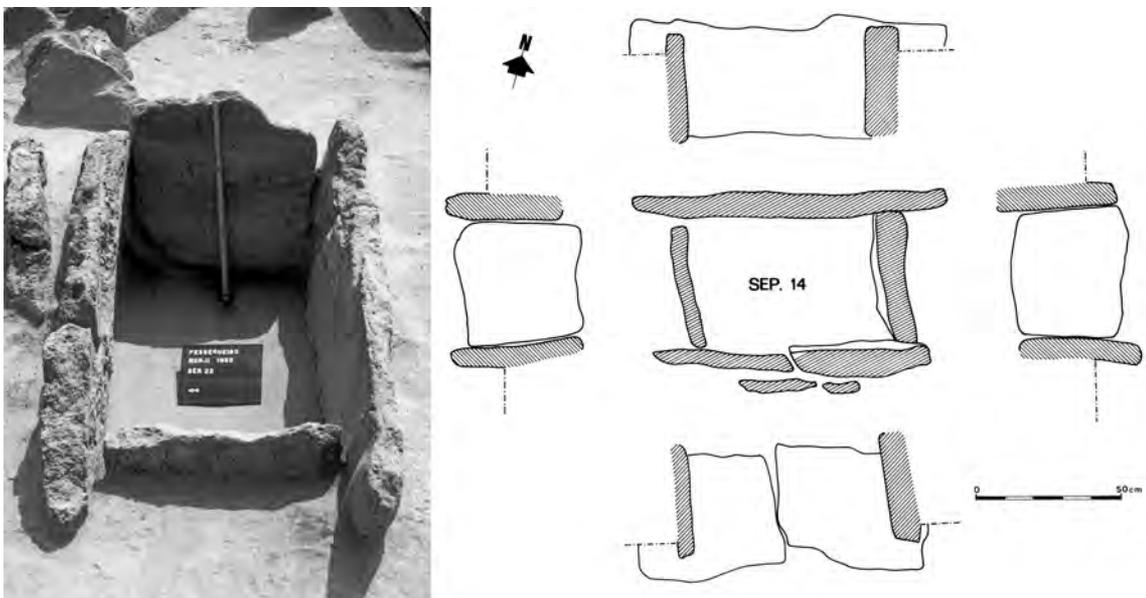


Fig. 7 – Sepulturas 22 e 14, esta última com planta e alçados.

Cada sepultura implantava-se no seio de recinto tumular geralmente de planta sub-retangular (as sepulturas 16 e 12 inseriam-se em recintos ovalados) e limitado por pequenos esteios (Fig. 6). O *tumulus* seria provavelmente de terra, talvez proveniente do povoado (ver capítulo sobre os artefactos do exterior das sepulturas), sem elementos pétreos.

A morfologia do Monumento II do Pessegueiro, em “favo”, aproxima-o do Monumento I da mesma necrópole (SILVA & SOARES, 1979 e 1981), bem como dos escavados na Provença (SANTOS, SOARES & SILVA, 1974 e 1975; SILVA & SOARES, 1981) e na Quitéria (SILVA & SOARES, 1981), no concelho de Sines, e ainda, já fora do litoral alentejano, dos de Panóias, no concelho de Ourique (VASCONCELOS, 1908; SCHUBART, 1975) e Alfarrobeira, no concelho de Silves (GOMES, 1994).

5. CONTENTORES SEPULCRAIS

As sepulturas, de tipo cista (Fig. 7), com planta sub-retangular, formadas por quatro esteios (dois laterais, maiores, e dois de topo, menores), seriam cobertas por tampa, talvez predominantemente monolítica como se

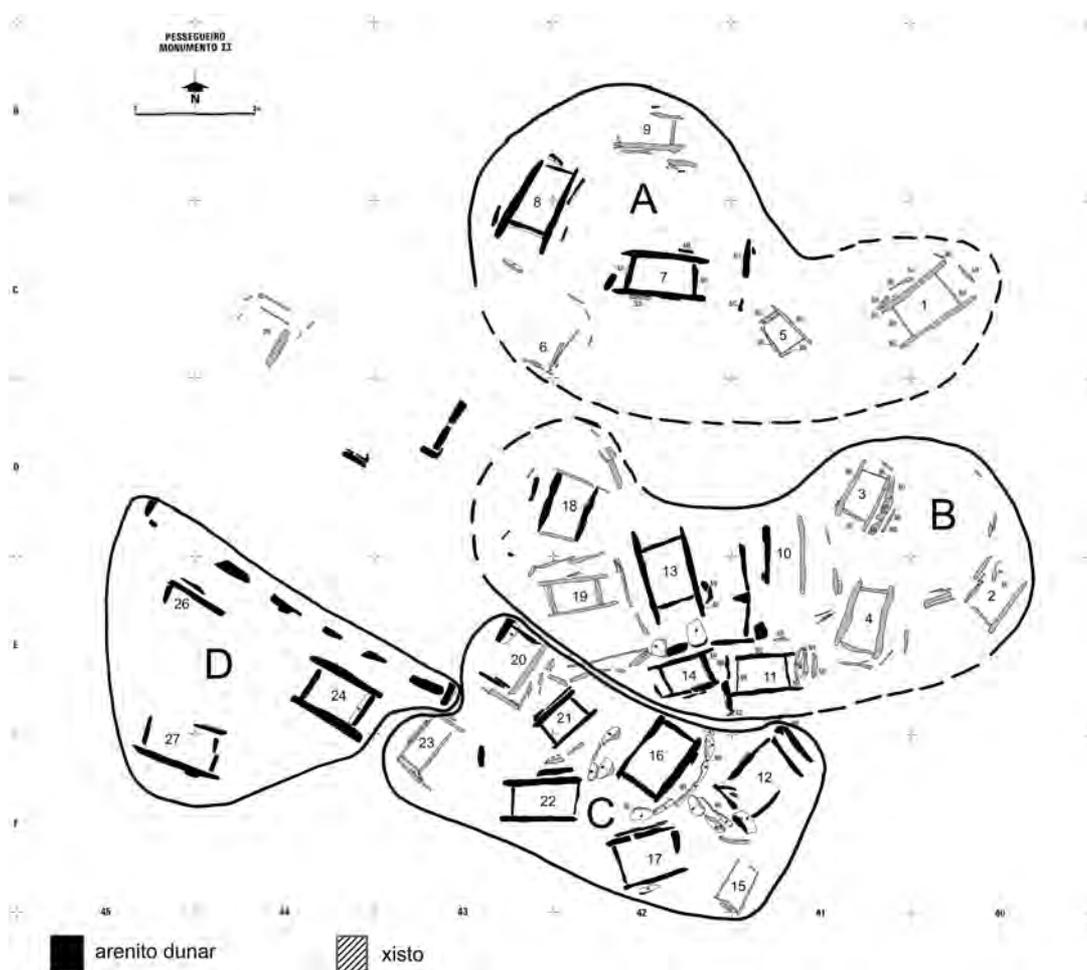


Fig. 8 – Distribuição espacial do material litológico utilizado na construção das estruturas funerárias e delimitação hipotética dos núcleos sepulcrais (A, B, C e D).

Quadro I – Monumento II do Pessegueiro. Principais características construtivas das sepulturas*.

Sep.	Loc.	Lit.	Cons.	Plt.	Or.	R. tm.	Compr. ext. (m)	Compr. int. (m)	Larg. ext. (m)	Larg. int. (m)	Prof. (m)	Ár. (m ²)	Vol. (m ³)	Espl.	Ost.
1	A(2)	1	1	1	4	1	1,52	0,92	0,82	0,65	0,49	0,60	0,29	1	0
2	B(2)	1	1	1	4	1	1,06	-	0,69	0,46	0,38**	-	-	0 (v)	0
3	B(2)	1	1	1	2	1	1,06	0,76	0,61	0,47	0,43	0,36	0,15	1	0
4	B(2)	1	1	1	2	1	1,24	0,98	0,81	0,59	0,44	0,58	0,25	0	0
5	A(2)	1	1	1	3	0	0,93	0,56	0,50	0,45	0,43	0,25	0,11	0 (v)	0
6	A(2)	1	1	-	2	1	-	-	-	-	0,38**	-	-	0 (v)	0
7	A(1f)	2	1	1	1	1	1,57	1,06	0,79	0,56	0,45	0,61	0,27	1	0
8	A(1?)	2	1	1	2	1	1,56	1,06	0,87	0,60	0,33**	0,64	0,21**	1	0
9	A(2)	2	1	1	1	1	1,16	0,83	0,63	0,44	0,27**	0,36	0,10**	0 (v)	0
10	B(1)	1+2	1	1	2	1	1,32	-	0,71	0,50	0,55	-	-	0 (v)	0
11	B(2)	2	1	1	1	1	1,20	0,80	0,70	0,53	0,56	0,42	0,23	1	0
12	C(1)	2	1	1	4	1	1,20	0,85	1,16	0,67	0,36**	0,57	0,20**	1	0
13	B(1f)	2	1	1	2	1	1,65	0,95	0,90	0,67	0,65	0,64	0,42	1	0
14	B(2)	2	1	1	1	1	1,08	0,62	0,64	0,46	0,45	0,28	0,13	0 (v)	0
15	C(2)	1	1	1	4	0	0,77	0,68	0,49	0,42	0,25**	0,29	0,07**	0	0
16	C(1f)	2	1	1	4	1	1,31	1,06	0,87	0,66	0,38**	0,70	0,27**	0	1
17	C(2)	2	1	1	1	0	1,16	0,93	0,86	0,70	0,43	0,65	0,28	0	0
18	B(2)	1+2	1	1	2	1	1,05	0,94	0,80	0,52	0,50	0,49	0,24	0 (v)	0
19	B(2)	1	1	1	1	1	1,16	0,70	0,60	0,48	0,45	0,34	0,15	0	0
20	C(2)	1+2	1	1	4	1	1,04	0,80	0,83	0,50	0,55	0,40	0,22	0	0
21	C(2)	2	1	1	4	1	0,97	0,68	0,56	0,40	0,57	0,27	0,15	0	0
22	C(2)	2	1	1	1	1	1,30	1,05	0,74	0,54	0,55	0,57	0,31	0	0
23	C(2)	1	1	1	4	0	0,88	-	0,49	0,37	0,30**	-	-	0 (v)	0
24	D(1?)	2	1	1	3	1	1,37	0,80	0,93	0,60	-	0,48	-	0 (v)	0
25	-	1	1	-	4	1	-	-	-	-	-	-	-	0 (v)	0
26	D(1?)	2	1	-	3	1	-	-	-	-	-	-	-	0 (v)	0
27	D(2?)	2	1	1	1	0	1,55	1,15	0,84	0,67	0,47	0,77	0,36	0 (v)	0

*Quadro estruturado a partir do Quadro III.1 de GARCIA SANJUÁN, 1998.

**Esteios muito danificados em altura.

Loc. (núcleo sepulcral e localização neste): zona central fundadora (1f); zona central (1); zona periférica(2).

Lit. (material litológico de construção): xisto (1); arenito dunar (2).

Cons. (estado de conservação): ausência de alterações (0); presença de alterações (1).

Plt. (planta): sub-rectangular (1); oval (2); trapezoidal (3); outras (4); desconhecida (0).

Or. (orientação): Este-Oeste (1);Norte-Sul (2); Noroeste-Sudeste (3); Nordeste-Sudoeste (4).

R. tm. (recinto tumular): ausência de vestígios (0); presença de vestígios (1).

Compr ext. (comprimento externo – dimensão máxima do maior esteio lateral): em m.

Compr int. (comprimento interno da sepultura): em m.

Larg. ext. (largura máxima externa): em m.

Larg. int. (largura do interior da sepultura): em m.

Prof. (profundidade – altura máxima actual dos esteios): em m.

Ar. (área do interior da sepultura): em m².

Vol. (volume actual do interior da sepultura): em m³.

Espl. (espólio): presença de espólio (1); ausência de espólio (0); violada (v).

Ost. (material osteológico humano): presença (1); ausência (0)

observa na maior parte das cistas do “Bronze do Sudoeste”; porém não se conservou nenhuma das presumíveis tampas.

O material utilizado na construção foi o arenito dunar (com afloramentos na Praia da Ilha e na área da fortaleza do Pessegueiro) e o xisto (com numerosos afloramentos nas proximidades da nossa jazida, em formações do carbonífero marinho). O arenito dunar é exclusivo de 14 sepulturas (n.ºs 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 21, 22, 24, 26 e 27) e acompanha o xisto em 3 (n.ºs 10, 18 e 20). O xisto é exclusivo de 10 sepulturas (n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 15,

19, 23 e 25). A distribuição espacial destas matérias-primas não parece ser aleatória: as sepulturas mais antigas de cada núcleo são de arenito dunar, localizando-se as de xisto na periferia (Fig. 8). Tenha-se em consideração que o arenito dunar se encontra mais confinado e que a sua extracção, corte e regularização em placas adequadas à construção de cistas exige maior investimento que o xisto.

As dimensões das sepulturas são apresentadas no Quadro I. As mais antigas de cada núcleo são as que oferecem valores mais elevados (Fig. 9). Isto é particularmente nítido no Núcleo B (Fig. 9), o melhor conservado, e que se iniciou com a construção da sepultura 13. Esta é, de facto, a que mostra maiores dimensões (área útil 0,64m²); as da periferia deste núcleo, por conseguinte mais recentes, são mais pequenas, com áreas compreendidas entre 0,28 m² e 0,40 m².

Por outro lado, constata-se, como já se afirmou, que as sepulturas maiores foram construídas, de um modo geral, com esteios de arenito dunar, enquanto as menores são de xisto. Assim, das treze sepulturas (cuja área de implantação é determinável) com esteios exclusivamente de arenito dunar, dez (77,0%) possuem área igual ou superior a 0,40 m², e em oito (61,5%), essa variável é igual ou superior a 0,57m², podendo atingir 0,77m². Das seis sepulturas (de área determinável) com esteios exclusivamente de xisto, só duas (33,3%) têm área igual ou superior a 0,40m², não ultrapassando o valor máximo de 0,60 m².

A técnica de construção segue o padrão mais comum no Sudoeste Peninsular: os esteios laterais, que atingem maiores profundidades, travam os de topo, de menor altura (20 sepulturas, em 22, revelam este carácter). Pelo

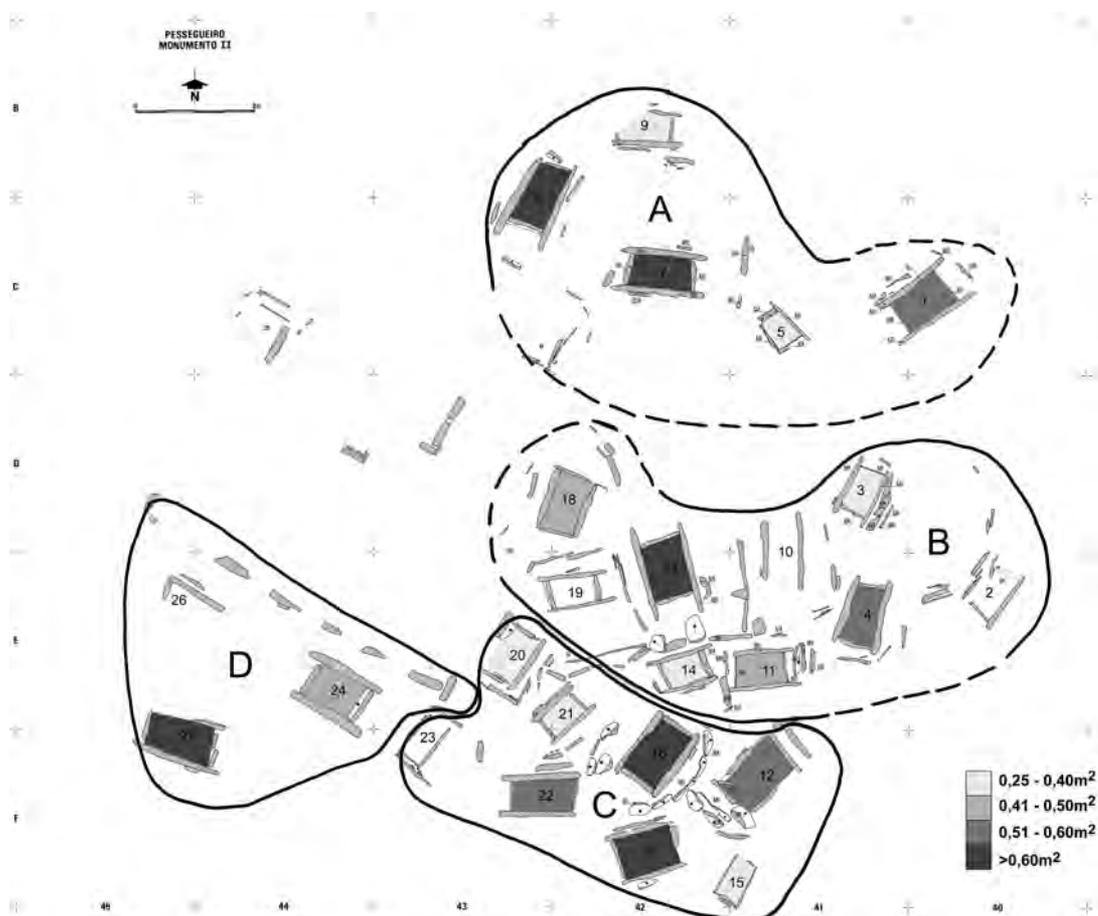


Fig. 9 – Distribuição espacial da área (por classes) do interior das sepulturas.

Quadro II – Monumento II do Pessegueiro. Dimensão das sepulturas.

	Compr. int. (m)	Larg. int. (m)	Prof. actual* (m)	Ár. int. (m ²)	Vol. int. actual (m ³)
X	0,87±0,16	0,54±0,10	0,50±0,07	0,49±0,16	0,24±0,09
Máx.	1,15 (Sep.27)	0,70 (Sep.19)	0,65 (Sep.13)	0,77 (Sep.27)	0,42 (Sep.13)
mín.	0,56 (Sep.5)	0,37 (Sep.23)	0,43 (Sep.3, 5 e 17)	0,25 (Sep.5)	0,11 (Sep.5)

* – excluídas as muito destruídas em altura.

X – média e respectivo desvio padrão.

contrário, apenas em duas sepulturas (n.^{os} 18 e 23) os esteios laterais eram travados pelos de topo. Mas, em todos os contentores, os esteios laterais eram mais altos que os de topo, implantando-se a diferentes cotas, em roços abertos no substrato geológico, de arenito argiloso, enquanto a base dos de topo assentava sobre a superfície do mesmo substrato.

No que respeita à orientação das sepulturas, predomina a Nordeste-Sudoeste, em 33,3% (n.^{os} 1, 2, 12, 15, 16, 20, 21, 23, e 25), seguida pela orientação Este-Oeste, com 29,6% (n.^{os} 7, 9, 11, 14, 17, 19, 22 e 27), e pela Norte-Sul, com 25,9% (n.^{os} 3, 4, 6, 10, 13 e 18). A orientação Norte-Sul, a mais frequente na área do Sudoeste, com 29% (GARCIA SANJUÁN, 1998, p. 123), é, no Monumento II, a pior representada, apenas com 11,1% (n.^{os} 5, 24 e 26). De notar que a orientação este-oeste, a menos frequente no Sudoeste, com 16% (GARCIA SANJUÁN, 1998, p. 123), apresenta, no nosso monumento, como vimos, elevada frequência relativa.

Se em algumas necrópoles do Bronze do Sudoeste, a orientação das sepulturas parece ter sido determinada pela orientação predominante dos estratos geológicos, como se verificou na encosta ocidental da Serra Morena (GARCIA SANJUÁN, 1998, p. 123), no caso do Pessegueiro esse factor não parece ter tido qualquer influência, pois o substrato geológico é constituído por arenito mal consolidado do Plio-Plistocénico. Há, pois, que procurar outra explicação para as orientações identificadas.

Se atendermos somente ao núcleo sepulcral B, iniciado com a construção da sepultura 13, verificamos que as sepulturas mais antigas apresentam orientação norte-sul; posteriormente, e em torno daquelas, foram construídas sepulturas de orientação este-oeste e, mais tarde ainda, de orientação nordeste-sudoeste.

Exactamente o mesmo foi possível observar no núcleo Sul do monumento escavado na Provença (SILVA & SOARES, 1981, fig. 114). Ainda na área de Sines, as sepulturas da necrópole da Quitéria, também do Bronze Pleno do Sudoeste, apresentam, sem excepção, orientação Este-Oeste. Porém, no Monumento I do Pessegueiro, as sepulturas mais antigas estão orientadas Este-Oeste, mas as mais recentes possuem orientação Norte-Sul (SILVA & SOARES, 1979 e 1981, Fig. 119), o que parece inviabilizar a hipótese de a simbólica subjacente a essas diferentes orientações ter tido uma base estritamente cronológica.

5.1. *Recintos tumulares*

Os recintos tumulares em que as sepulturas se inserem (Quadro III) apresentam planta rectangular ou subtrapezoidal, à excepção do da sepultura 16 (e talvez também do da sepultura 12), cuja planta é oval. São delimitados por pequenos esteios de arenito dunar ou de xisto. Nas áreas melhor conservadas e situadas na zona central de cada núcleo sepulcral, os recintos confinam entre si, reutilizando um ou mais lados dos recintos preexistentes.

Os recintos tumulares das zonas periféricas de cada núcleo apresentam menores dimensões do que os das zonas centrais; alguns deles (o da sepultura 1 – núcleo A, e o da sepultura 20 – núcleo C) surgem desarticulados dos recintos preexistentes.

Quadro III – Monumento II do Pessegueiro. Recintos tumulares.

Rec. da sep.	Loc.	Cons.	Plt.	Lit.	Compr. (m)	Larg. (m)	Área (m ²)
1	A(2)	2	1	1	1,7*	1,1*	1,9*
2	B(2)	3	-	-	-	-	-
3	B(2)	2	1	1	1,2*	1,2*	1,4*
4	B(2)	2	1	1	1,5*	1,2*	1,8*
5	A(2)	3	-	-	-	-	-
6	A(2)	2	1(?)	1	-	-	-
7	A(lf)	2	1	2+1	2,8*	-	-
8	A(1?)	2	1	2	2,4*	-	-
9	A(2)	2	1	1	-	0,9*	-
10	B(1)	2	1	1	2,4*	1,4	3,4*
11	B(2)	1	1	1+2	1,4	1,1*	1,5*
12	C(1)	2	2(?)	1+2	1,7	1,6*	2,7*
13	B(lf)	1	1	2	2,4*	2,0*	4,8*
14	B(2)	2	1	2	1,3*	0,8*	1,0*
15	C(2)	3	-	-	-	-	-
16	C(lf)	1	2	1	2,1*	1,5	3,2*
17	C(2)	3	-	-	-	-	-
18	B(2)	2	1	1+2	-	-	-
19	B(2)	1	1	1	1,6*	1,6	2,6*
20	C(2)	2	1	1	1,2*	1,1*	1,3*
21	C(2)	2	-	1+2	-	1,0*	-
22	C(2)	3	-	-	-	-	-
23	C(2)	3	-	-	-	-	-
24	D(1?)	2	1	2	-	1,7*	-
25	?	2	1	1	-	-	-
26	D(1?)	2	1	2	-	-	-
27	D(2?)	3	-	-	-	-	-

* – valor estimado

Loc. (Núcleo sepulcral e localização neste): lf – zona central do núcleo, sep. fundadora; 1 – zona central do núcleo; 2 – zona periférica.

Cons.: 1 – regular; 2 – muito danificado; 3 – completamente destruído/inexistente.

Plt.: 1 – sub-retangular; 2 – oval.

Lit.: 1 – xisto; 2 – arenito dunar.

5.2. Estratigrafia horizontal

Tal como nas necrópoles de tipo Atalaia, com recintos tumulares de planta circular, nas do Bronze Pleno de Sines é, por vezes, possível, com base na análise das relações espaciais entre os diversos recintos, estabelecer cronologias relativas e sequências de construção dos mesmos e das respectivas sepulturas.

Núcleo A

As sepulturas do núcleo A, em resultado do estado de destruição dos respectivos recintos tumulares, são difíceis de ordenar cronologicamente. A n.º 7 parece ser a mais antiga, se atendermos às suas dimensões e às do respectivo recinto. A sepultura 1, francamente periférica, teria possuído pequeno recinto completamente independente.

Núcleo B

A sepultura 13, de orientação Norte-Sul, e o respectivo recinto tumular, o de maiores dimensões, representam a fundação do núcleo B. Seguidamente, no mesmo núcleo, terá sido construída a sepultura 10, com igual orientação, e cujo recinto, também de grandes dimensões, teria reutilizado o lado oriental do recinto da sepultura 13. Posteriormente, teria sido construída a sepultura 19, de orientação Este-Oeste; o seu recinto tumular, ainda de grandes dimensões, teria penetrado no da sepultura 13. A sepultura 11 parece mais tardia: o seu recinto, de reduzidas dimensões, reutilizou, a Norte, parte dos lados meridionais dos recintos das sepulturas 10 e 13. Por sua vez, o recinto da sepultura 14, também de área reduzida, reaproveitou as estruturas preexistentes dos recintos das sepulturas 13 e 11.

Núcleo C

O núcleo C ter-se-ia iniciado com a sepultura 16, em recinto de planta oval. A sepultura 12 pertence claramente a momento posterior, pois o seu recinto, talvez também de planta ovalada, foi-se adossar ao da sepultura 16. Seguiu-se a construção das sepulturas 17, 22 e 21, e, mais tardiamente, as da periferia do núcleo – n.^{os} 15, 20 e 23. Estas duas últimas possuem recintos muito pequenos; no caso da sepultura 20, o recinto parece independente, não se articulando pois com qualquer outro. De notar que todas as sepulturas do núcleo C possuem orientação Nordeste-Sudoeste.

Núcleo D

O grupo que designamos por núcleo D oferece sepulturas de orientação aproximadamente Este-Oeste, em fiadas retilíneas que lembram a organização espacial da necrópole da Quitéria; é impossível dizer qual das três é a mais antiga. Já a sepultura 23, que integrámos no Núcleo C, é claramente posterior à 24, visto ter penetrado no recinto tumular desta última.

6. CONTEÚDO DAS SEPULTURAS

6.1. Depósito sedimentológico

Os sedimentos que preenchiam as sepulturas distribuíam-se por diversas camadas que se distinguiam entre si por diferenças de cor, consistência e compacidade.

Assim, a parte superior das sepulturas e, nos casos de violação, a sua quase totalidade (Fig. 10) era ocupada pela Camada (C.) 1, arenosa, de pequena compacidade³, cor amarelo-acinzentada escura, com raízes e por vezes com fragmentos de xisto e (ou) de arenito dunar. Correspondia à penetração da C.1 do exterior das sepulturas (nível superficial da jazida do Pessegueiro, actuado pelas lavouras), no interior das mesmas, após a remoção das respectivas tampas.

Nos casos em que não se verificou violação (Fig.10), seguia-se camada (C.2) de areia branco-amarelada, de compacidade média e espessura variando entre 0,05 m e 0,25 m (em geral com cerca de 0,20 m), que se teria formado pela infiltração de sedimento quando a sepultura se encontrava ainda coberta pela tampa.

Sempre que o contentor forneceu espólio (osteológico ou artefactual), este era embalado pelo sedimento da C.2.

³ No que respeita à *compacidade*, seguimos a classificação adoptada em Botelho da COSTA, 1975, p. 365.

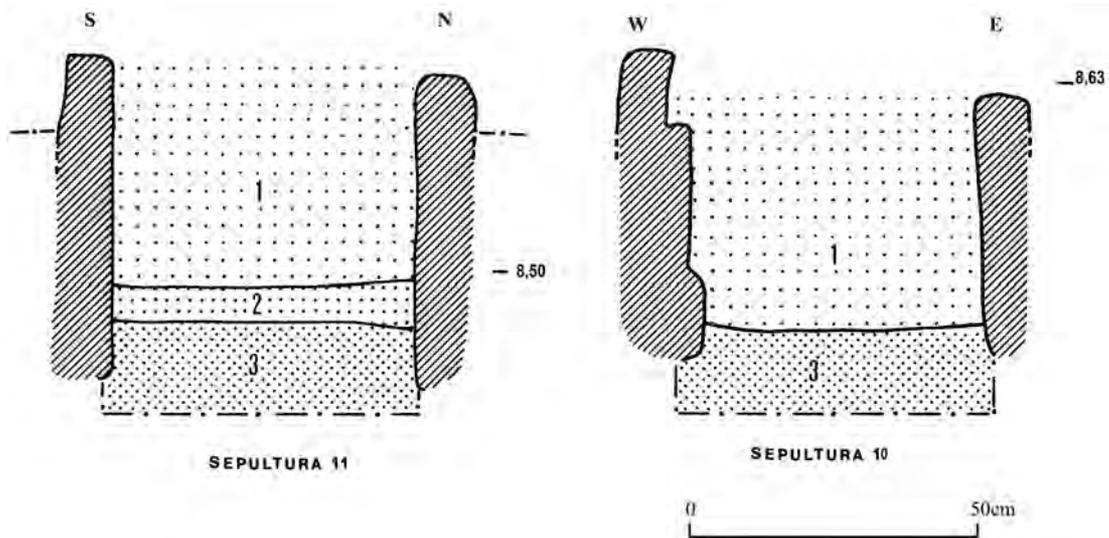


Fig. 10 – Perfis estratigráficos de sepultura não violada (n.º 11) e de sepultura violada (n.º 10).



Fig. 11 – Sepultura 16, contendo os restos osteológicos de dois indivíduos.

A C.3 era constituída pela formação geológica, um arenito castanho-avermelhado com manchas branco-amareladas, de grande a muito grande compacidade; no topo desta camada foram abertos roços para a implantação dos esteios laterais das sepulturas.

A estratigrafia do enchimento das sepulturas não violadas mostra que o inumado não seria coberto por terra, o que já havia sido comprovado pela escavação das sepulturas 12 e 13 da Provença (SILVA & SOARES, 1981, Fig. 130).

6.2. Depósito osteológico humano

Só uma sepultura forneceu material osteológico humano (n.º 16, núcleo C – Fig. 12). Nas restantes, certamente por razões tafonómicas relacionadas com a acidez e a lixiviação do meio, esse tipo de material estava ausente. Para a sua conservação teria contribuído a associação entre a natureza litológica dos respectivos esteios (arenito dunar, de cimento calcário) e o facto de terem sido sepultados dois indivíduos, criando-se assim ambiente menos ácido. O estudo antropológico dos restos dos dois indivíduos, foi efectuado por Teresa Matos Fernandes (ver Anexo I). Esta investigadora concluiu que os dois indivíduos foram sepultados em ocasiões diferentes; em primeiro lugar, inumou-se um indivíduo do sexo masculino que teria, à morte, idade inferior a 30 anos; mais tarde, quando os tecidos moles já haviam desaparecido, e após os seus ossos terem sido “arrumados” junto dos esteios laterais, procedeu-se à inumação, em decúbito lateral direito, em posição fetal, com flexão total, a cabeça a Nordeste, do segundo indivíduo, pertencente ao sexo feminino, com estatura estimada em 150 cm, que morreu com uma idade compreendida entre os 35 e os 45 anos; ambos teriam pertencido ao subtipo mediterrânico grácil.

6.3. Depósito artefactual

Somente sete sepulturas forneceram artefactos (Fig.13). A ausência destes em grande parte das sepulturas escavadas pode ter resultado de violações. Porém, surgiram sepulturas (n.ºs 4, 15, 17, 19, 20, 21 e 22) que, embo-

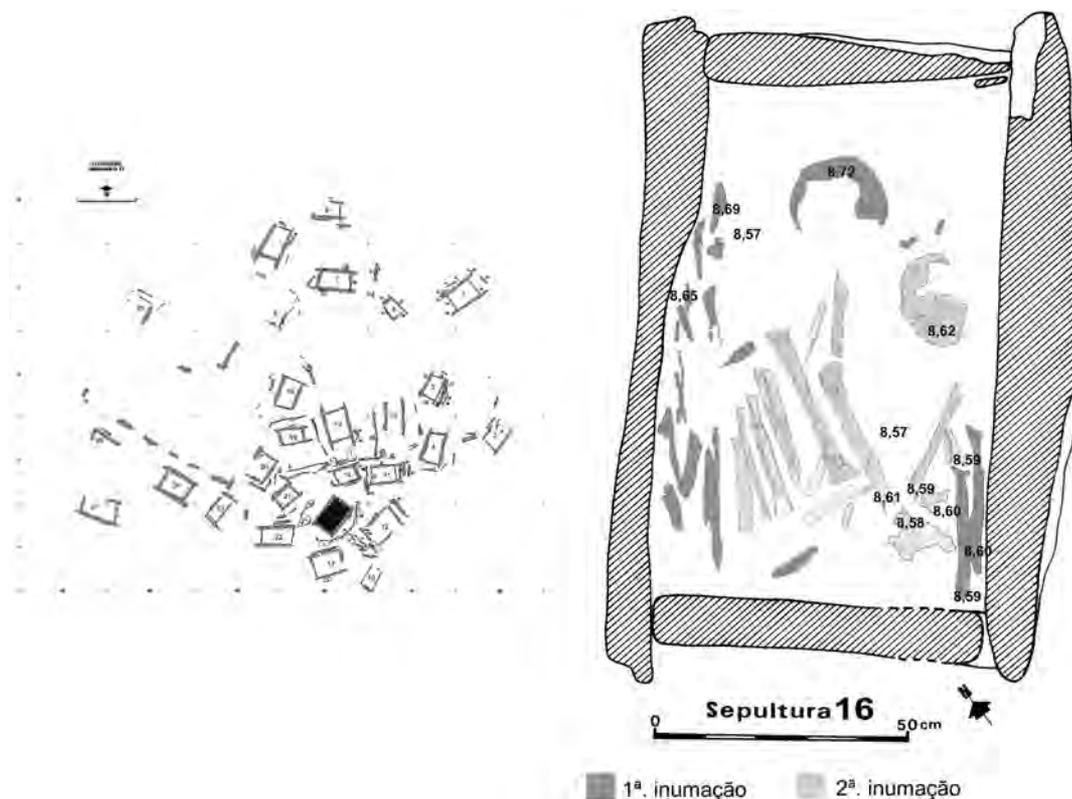


Fig. 12 – Sepultura 16 e respectivo conteúdo osteológico humano.

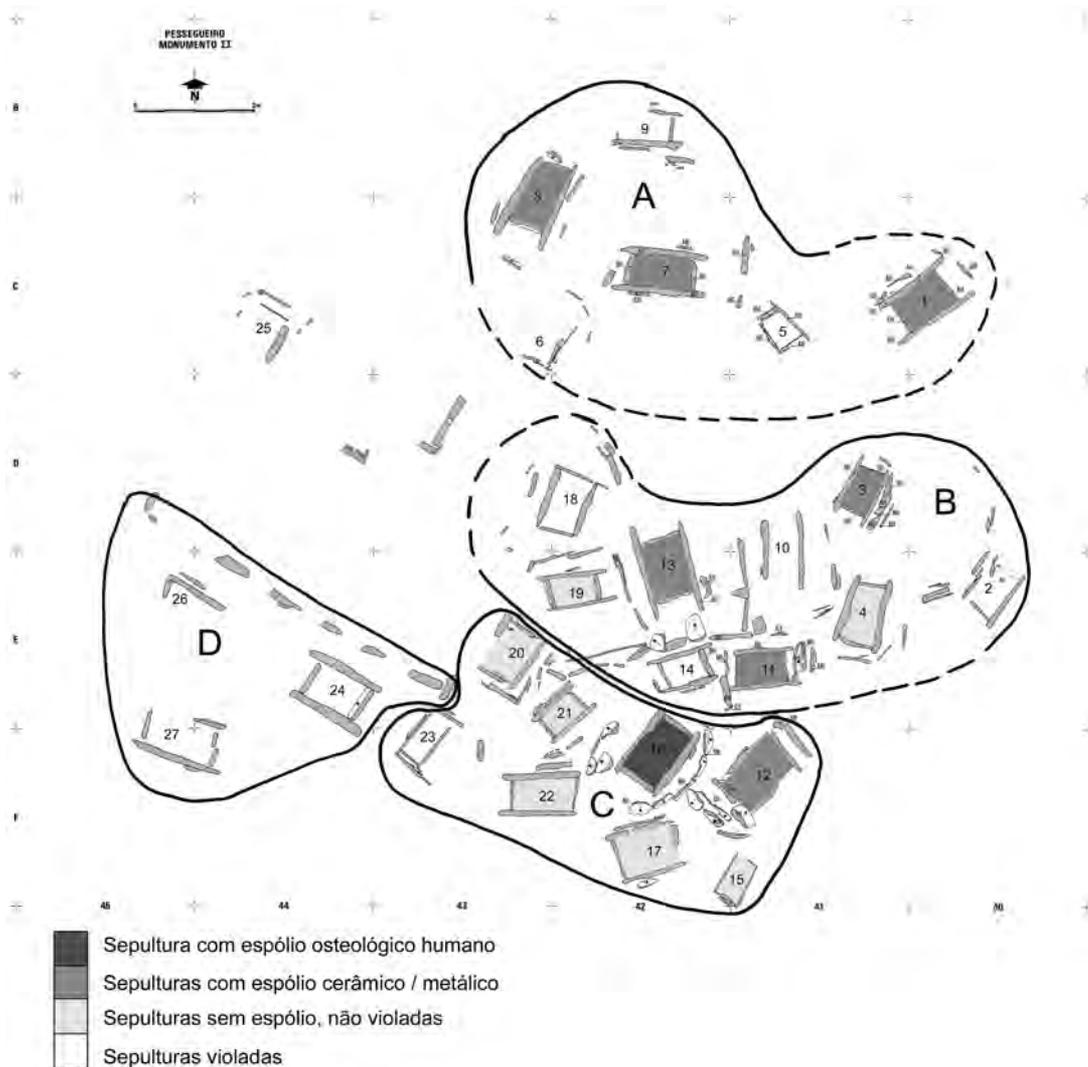


Fig. 13 – Distribuição espacial do conteúdo artefactual das sepulturas.

ra não revelando sinais de terem sido violadas, não entregaram qualquer espólio; localizam-se nas zonas periféricas dos respectivos núcleos sepulcrais (Fig. 13). Também a sepultura 16, fundadora do núcleo C, se mostrou artefactualmente estéril: neste caso, o primeiro inumado poderia ter sido acompanhado de espólio, retirado da sepultura aquando da segunda inumação.

Três sepulturas (n.ºs 3, 8 e 12), a primeira localizada na zona periférica do núcleo B (Fig. 20), e as restantes, não fundadoras, mas situadas na zona central, respectivamente, dos núcleos A (Fig. 17) e C (Fig. 21), continham somente uma peça cada, representada por um recipiente em cerâmica.

As sepulturas 1, 7, 11 e 13 continham maior número de artefactos: a n.º 1 (na zona periférica do núcleo A) forneceu três espirais de prata e 23 contas perfuradas (Figs. 15 e 16); a n.º 7 (fundadora do núcleo A), um recipiente em cerâmica, carenado, e um punhal de cobre de grandes dimensões (Fig. 14); a n.º 11 (na zona periférica do núcleo B), um recipiente em cerâmica, carenado, e um punção de cobre (Fig. 19); a n.º 13 (fundadora do núcleo B), um recipiente em cerâmica de colo estrangulado e decorado por bandas, e um punção de cobre (Fig. 18).

Seguidamente, descrevemos os artefactos exumados nas sepulturas do Monumento II do Pessegueiro, aludindo, ao mesmo tempo, às respectivas condições de jazida.

Núcleo A

Sep. 7 - fundadora (Fig. 14)

Na base da C.2 (areia amarelo-acastanhada, semi-compacta, embalando grandes blocos lajiformes de arenito dunar, em posição vertical e oblíqua, que poderiam ter feito parte da tampa da sepultura; espessura da camada ca. 0,15 m):

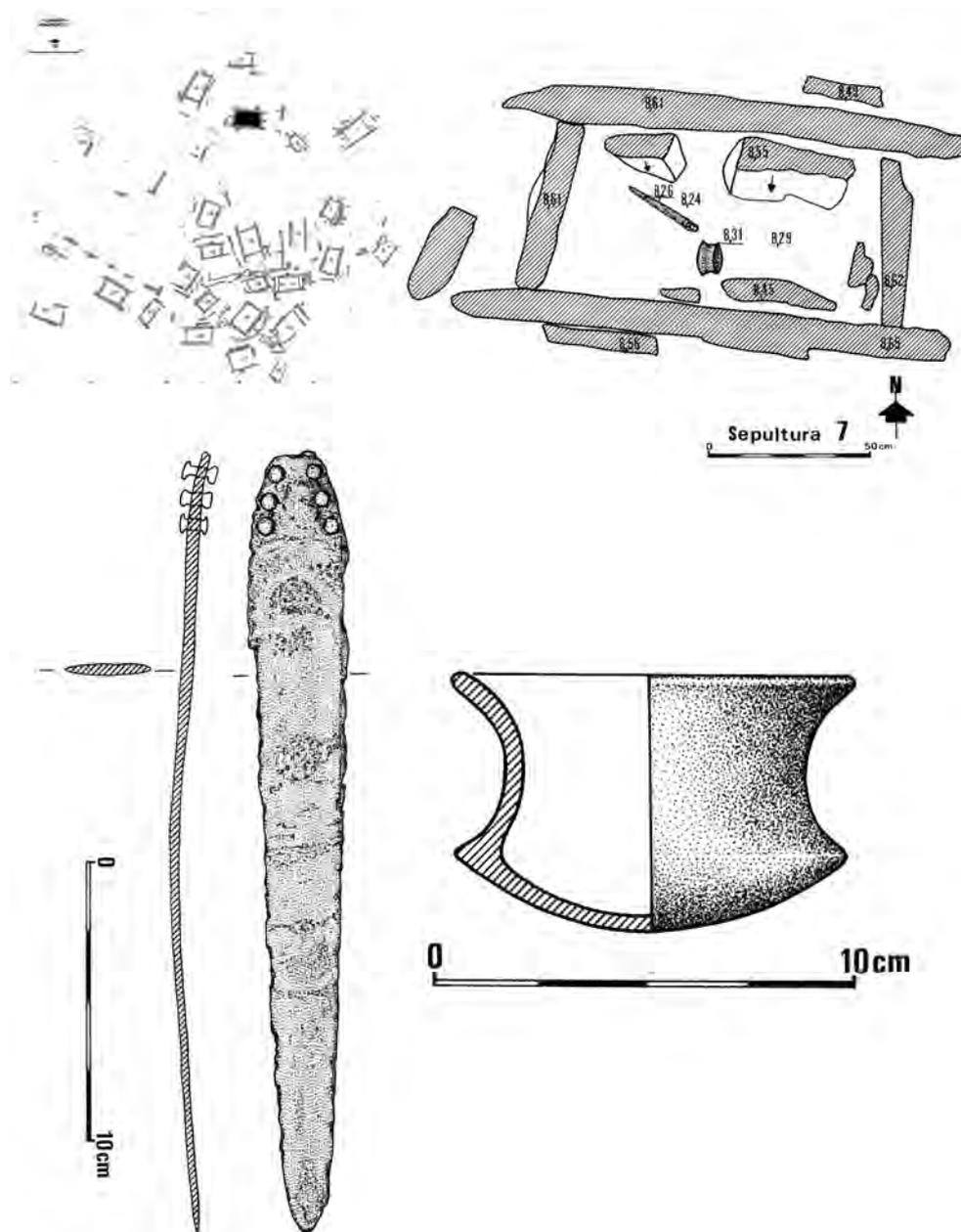


Fig. 14 - Conteúdo artefactual da Sepultura 7 (fundadora do Núcleo A).

- S.CM/10012 - Recipiente em cerâmica, montado manualmente. Taça carenada; carena vincada e baixa; colo côncavo; bordo extrovertido; bojo em calote. Superfícies de cor castanha (Munsell 10YR5/3), erodidas e lisas. Diâm. da boca 92 mm; diâm. da carena 116 mm; alt. total 67 mm; alt. da carena 18 mm.

Tombado, de boca voltada para oeste (Q. C24: X = 1,3 5m S.; Y=1,25 m. W.; Z=8,22 m a 8,31 m).

- S.CM/10001 - Punhal em cobre (ver Anexo II), de lingueta trapezoidal com seis rebites. Compr. 280 mm; larg. máx. (base da lingueta) 35 mm; esp. da lâmina 3 mm.

Na metade oeste da sepultura; extremidade proximal junto da boca da taça carenada (Q. C24: X=1,30 m S.; Y=1,31 m W; Z=8,26 m).

Sep. 1 (Figs. 15 e 16).

Junto do esteio sudoeste, na base da C.2 (areia branco-amarelada, compacta, com ca. 0,15m de espessura):

- S.CM/10002-10004 - 3 espirais de prata (ver Anexo II), circulares, respectivamente de quatro voltas e 40mm de diâmetro interno, de duas voltas e 28 mm de diâmetro interno e de três voltas e 36 mm de diâmetro interno; aro de secção circular com 2 a 3 mm de espessura.

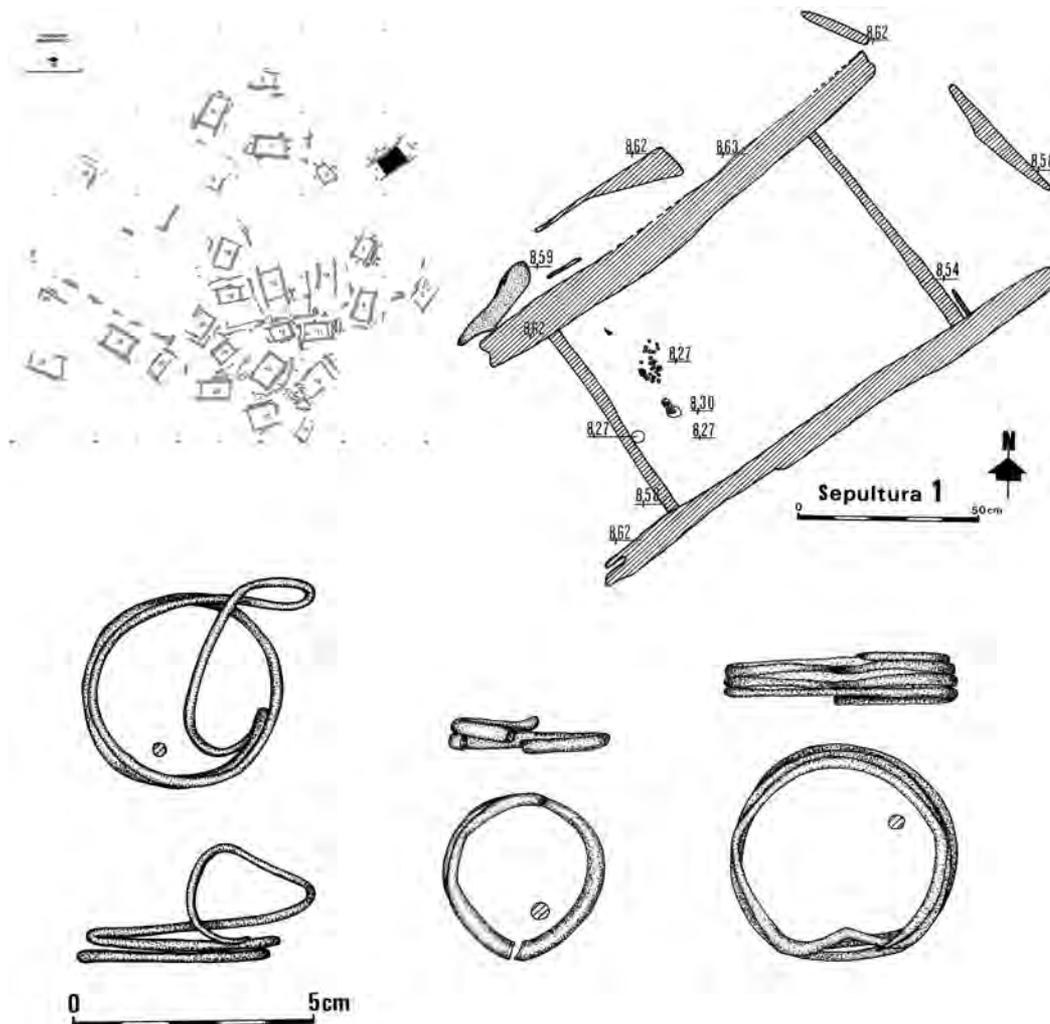


Fig. 15 - Conteúdo artefactual (espirais de prata) da Sepultura 1 (Núcleo A).

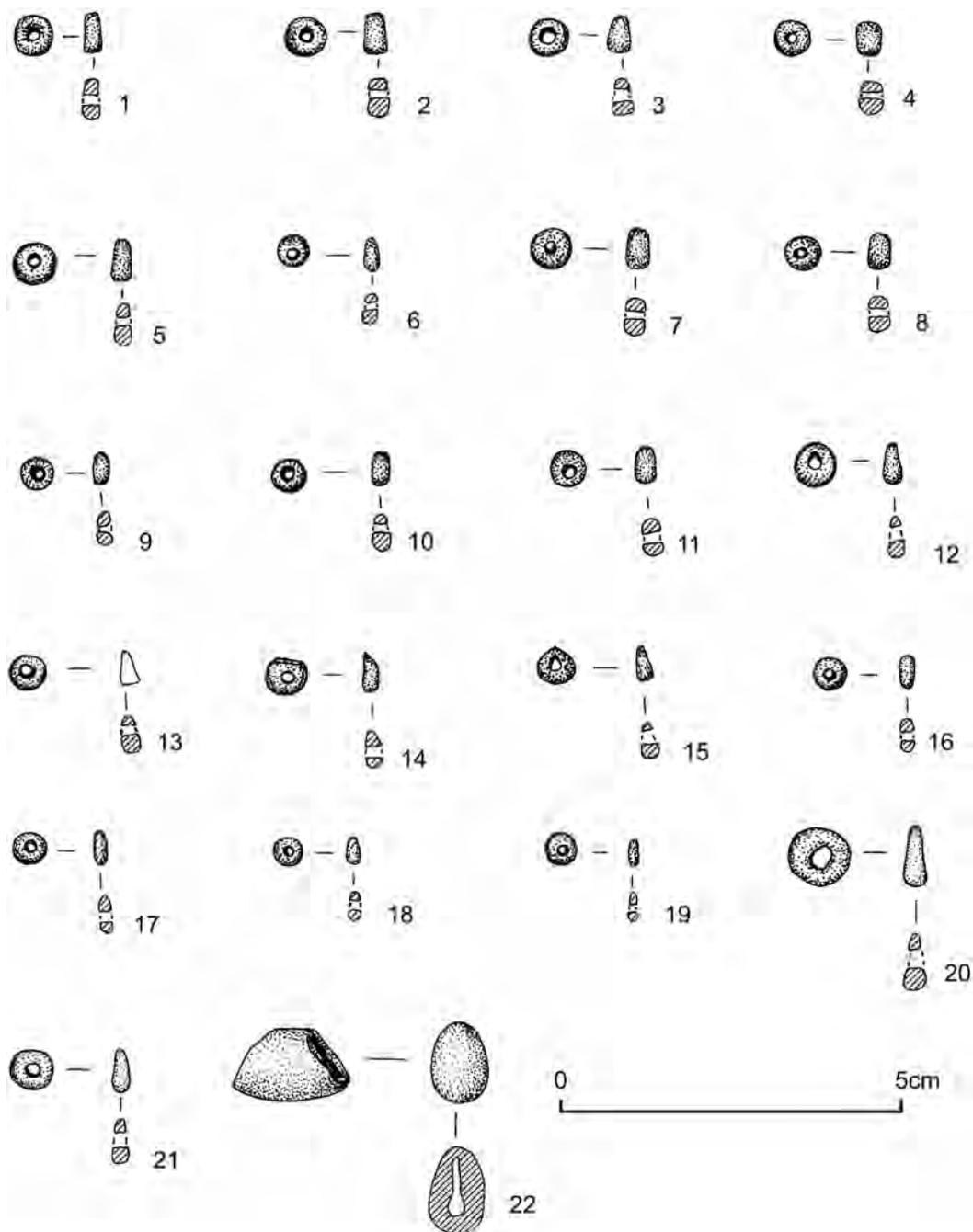


Fig. 16 – Conteúdo artefactual (contas de “colar”) da Sepultura 1 (Núcleo A).

Q. C41: 2,00-2,09 m S.; Y=0,10-0,20 m W; Z=8,27-8,30 m.

– S.CM/10030-10051 – 23 contas: 20 discóides (com 4 a 6mm de diâmetro) de material de cor verde; 2 discóides (com 6 e 9 mm de diâmetro) de material de cor bege; e 1 subcilíndrica de cor castanho-escura (S.CM/10030), com 17 mm de comprimento e 11 mm de largura.

Q. C41:X=1,90 m S.;Y=0,18 m W; Z=8,27 m.

Sep. 8 (Fig. 17).

Na C.2 (areia branco-amarelada, compacta, com 0,15-0,20 m de espessura), junto e a meio do esteio lateral E.:
- S.CM/10010 - Recipiente de cerâmica montado manualmente, de bojo esferoidal e colo em tronco de cone, bordo ligeiramente inclinado para o interior. Superfície externa castanho-avermelhada clara (M.5YR 6/4) e castanho-amarelada clara (M.10YR 6/4) com manchas cinzento-escuras e com ténues vestígios de polimento; decorada no bojo por caneluras verticais que formam “gomos” pouco evidenciados. Quatro orifícios circulares, um no colo e três na parte superior do bojo. Diâm. da boca 40 mm; diâm. máx. (no bojo) 95 mm; alt. total 72 mm.

Colocado de boca para cima. Q. B43: X=2,86 m S.; Y=0,40 m W.; Z=8,23 m a 8,31 m.

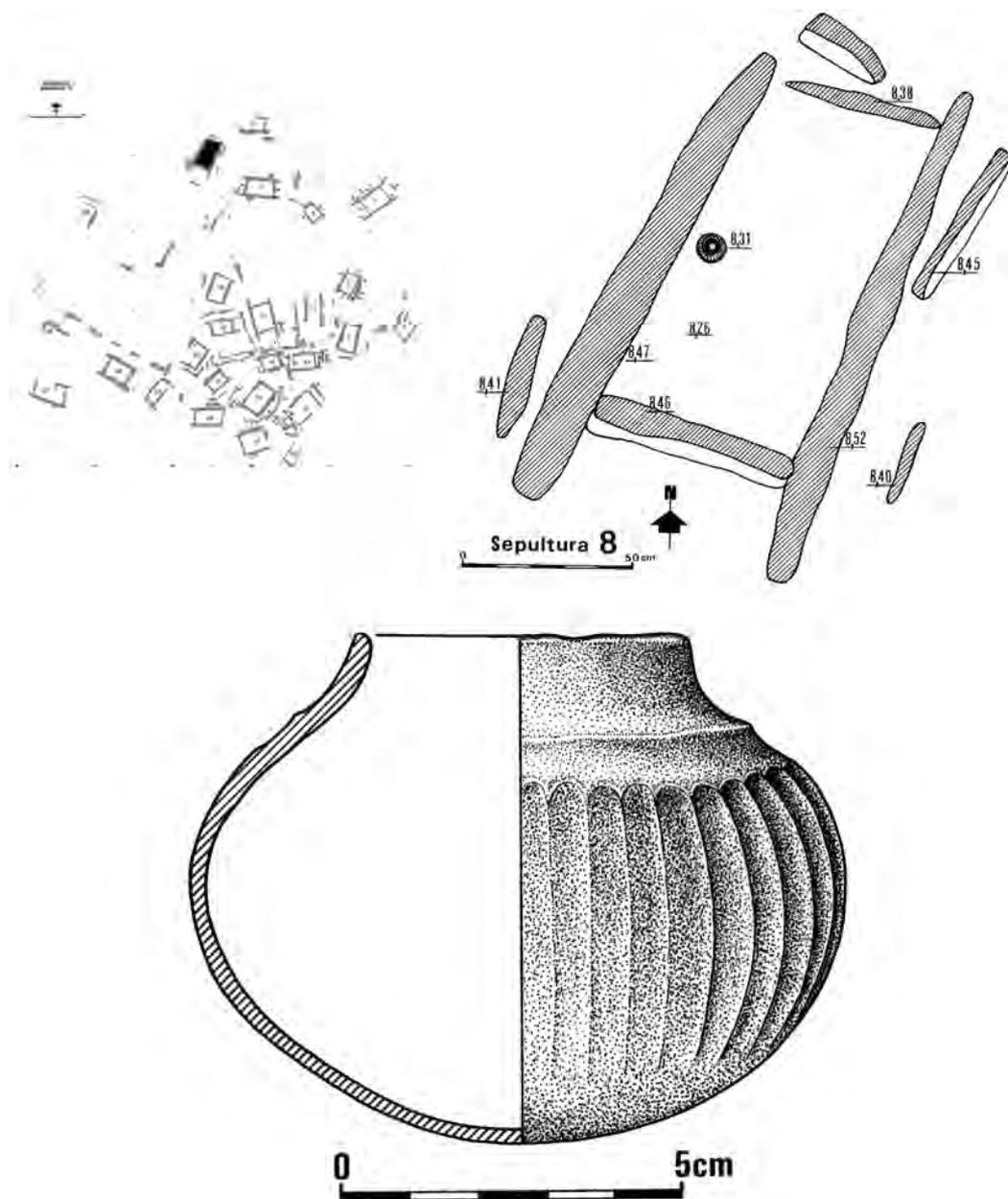


Fig. 17 - Conteúdo artefactual da Sepultura 8 (Núcleo A).

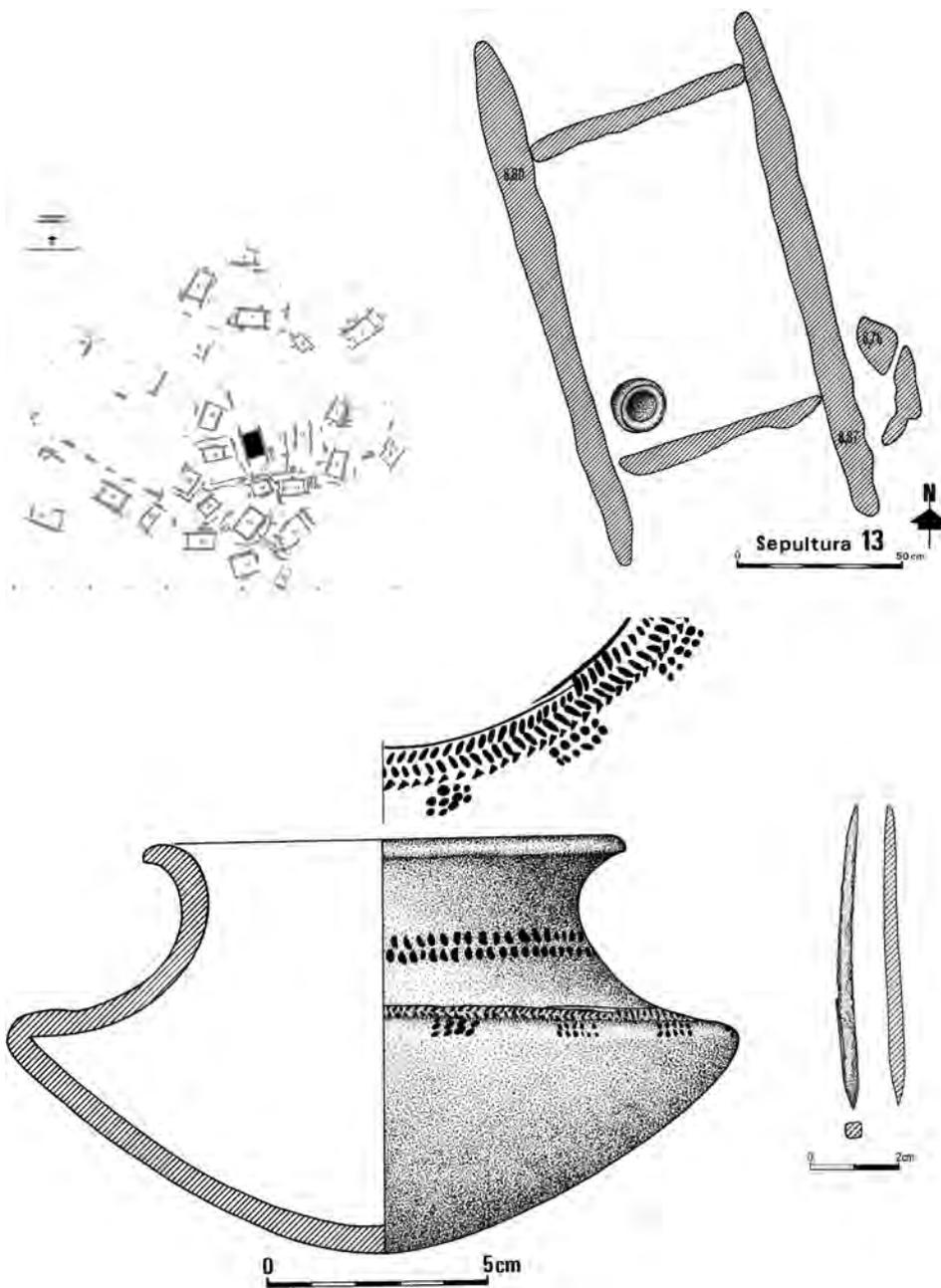


Fig. 18 – Conteúdo artefactual da Sepultura 13 (fundadora do Núcleo B).

Núcleo B

Sep. 13 – fundadora (Fig. 18).

Na base da C.2 (areia amarelo-acastanhada com alguns fragmentos de arenito dunar e *ca.* 0,40 m de espessura), canto sudoeste da sepultura:

– S.CM/10006 – Recipiente de cerâmica, montado manualmente, de colo estrangulado, bordo extrovertido e bojo em calote; este separa-se do colo por carena pouco vincada. Superfície externa de cor castanho-amarelada

clara (Munsell 10YR 6/4) com extensas manchas cinzento-escuras; vestígios de polimento; decorada por impressões obtidas por punção actuado vertical ou obliquamente que formam duas fiadas horizontais sobre o colo e banda metopada na zona da carena. Superfície interna cinzento-escura (M.10YR 4/1), com vestígios de polimento no bordo. Diâm.da boca 110 mm; diâm. da carena 165 mm; alt. total 94 mm; alt. da carena 50 mm.

Colocado de boca para cima. No Q. E42: X=0,70 m S.; Y=1,25 m W.; Z=8,27 m a 8,38 m.

– S.CM/10054 – Punção de cobre de secção quadrangular. Compr. 66 mm; esp. máx. 3 mm.

Parcialmente coberto pelo vaso, no Q. E42: X=0,65 m.S;Y=1,30 m W; Z=8,26 m.

Sep. 11 (Fig. 19).

Na C.2 (areia solta amarelo-acinzentada) junto do canto SE da sepultura:

– S.CM/10013 – Recipiente em cerâmica, montado manualmente. Taça carenada; carena vincada e de altura média; colo côncavo; bordo extrovertido; bojo em calote, ligeiramente aplanado na base. Superfícies irregulares, mal alisadas, de cor castanho-amarelada (M. 5YR5/4), lisas.

Colocado de boca para cima, no Q. E41: X=2,08 m S.; Y=2,35 m W.; Z=8,38 m a 8,44 m.

– S.CM/10005 – Punção de cobre de secção quadrangular. Compr. 77 mm; esp. máx. 3 mm.

Junto do vaso e ao nível do fundo do mesmo.

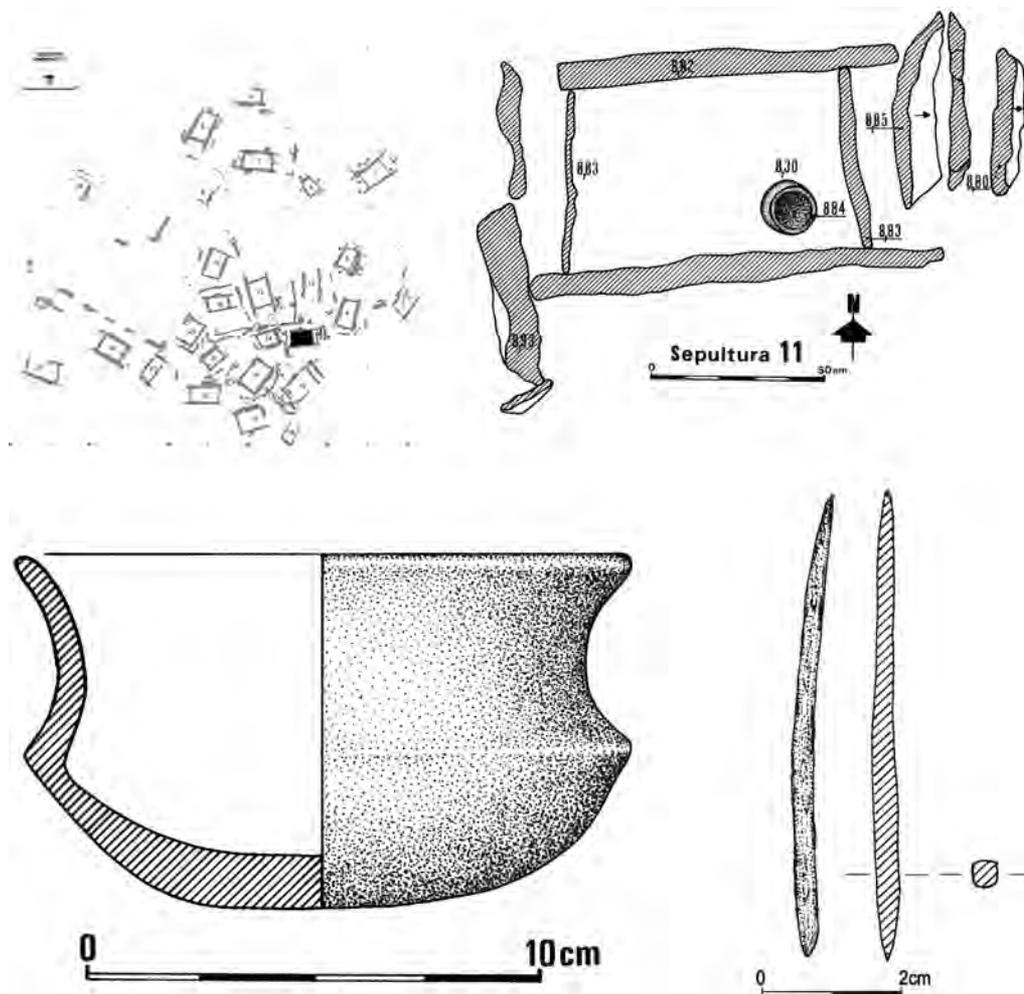


Fig. 19 – Conteúdo artefactual da sepultura 11 (Núcleo B).

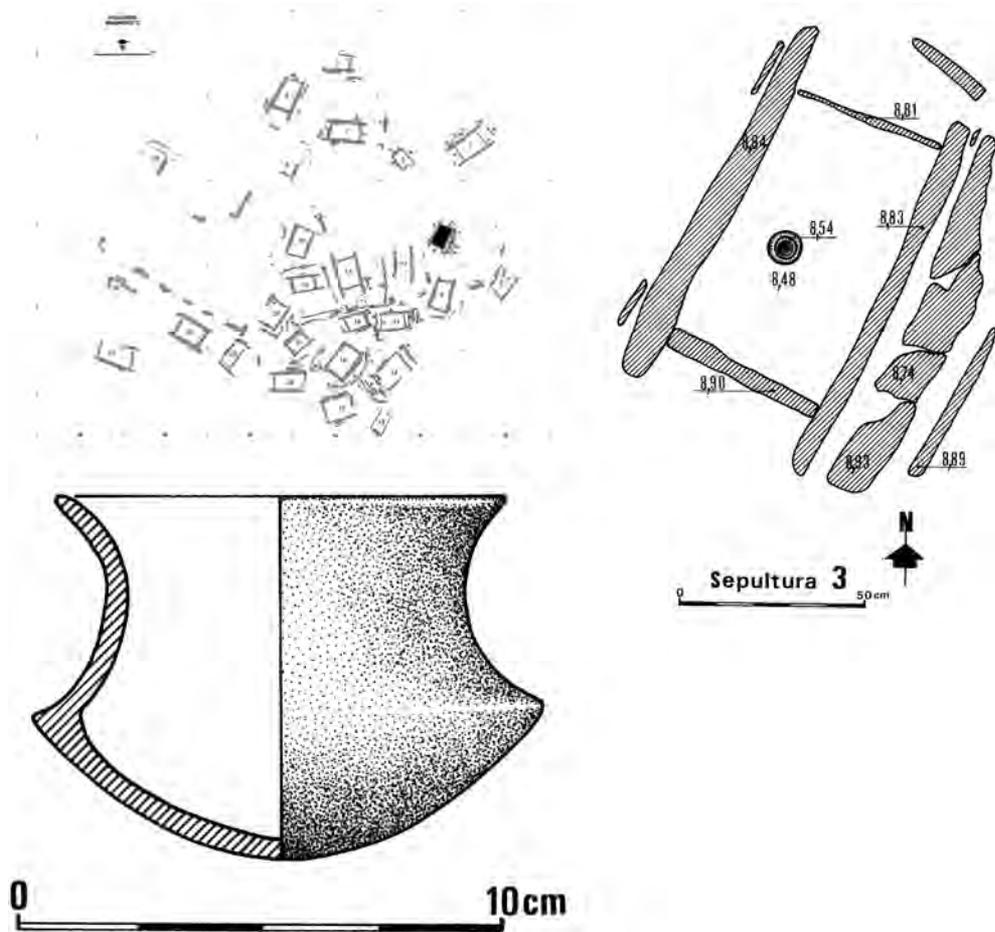


Fig. 20 - Conteúdo artefactual da sepultura 3 (Núcleo B).

Sep. 3 (Fig. 20).

Na base da C.2 (areia amarelo-acastanhada clara, compacta), zona central da sepultura:

- S.CM/10008 - Recipiente em cerâmica, montado manualmente. Taça carenada; carena vincada e baixa; colo côncavo; bordo extrovertido; bojo em calote. Superfícies negras, polidas e lisas. Diâm. da boca 95 mm; Diâm. da carena 92 mm; alt. total 58 mm; alt. da carena 8 mm.

Q. D41: X = 1,96 m S.; Y=0,96 m. W.; Z=8,49 m a 8,55 m.

Núcleo C

Sep. 12 (Fig. 21).

Na base da C.2 (areia compacta, amarelada clara, com *ca.* 0,05 m de espessura), junto do esteio do topo SW:

- S.CM/10055 - Recipiente em cerâmica, montado manualmente. Colo estrangulado, bordo extrovertido e bojo em calote; carena pouco vincada. Superfícies negras e polidas, a externa decorada: no colo, por duas fiadas horizontais de pontuações impressas, motivo que se repete na zona da carena sobre séries de traços verticais organizados em métopas. Diâm. da boca 70 mm; diâm. do colo 58 mm; diâm. da carena 110 mm; alt. total 68 mm; alt. da carena 30 mm.

Encontrado de boca para baixo, no Q.F41: X=1,16 m S.; Y=2,82 m W.; Z=8,58 m.

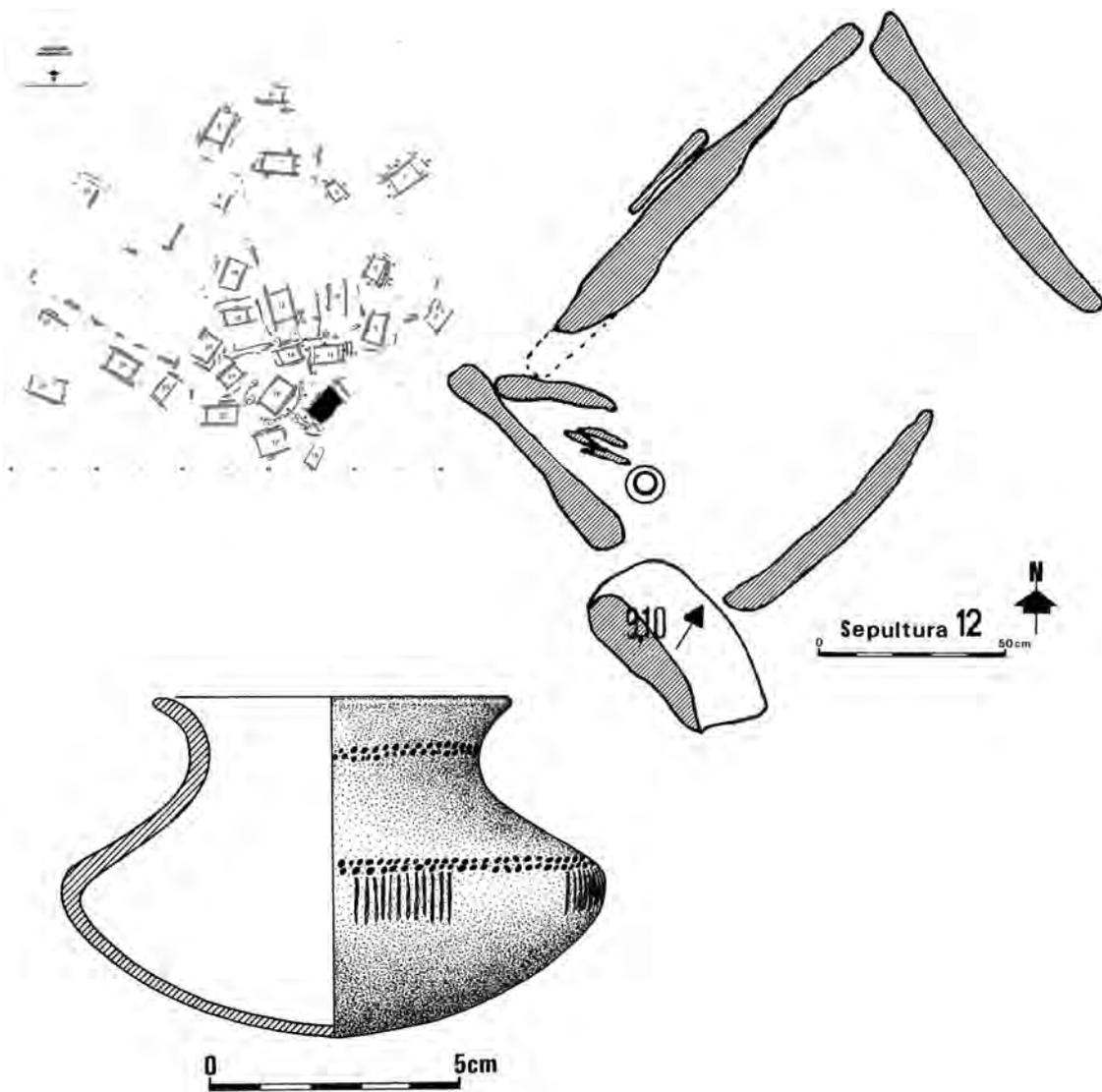


Fig. 21 – Conteúdo artefactual da sepultura 12 (Núcleo C).

6.4. Posição dos inumados

A localização dos artefactos anteriormente referidos sugere a posição das respectivas inumações, cujos restos osteológicos desapareceram completamente. Só em relação à sepultura 16 (núcleo C), pelo facto de conter restos osteológicos humanos *in situ*, foi possível determinar directamente a posição da segunda inumação aí efectuada e a que já aludimos.

Núcleo A

Sep. 7 – fundadora

Posição fetal, em decúbito lateral, cabeça dirigida para nascente e face voltada para Sul.

Sep. 1

Posição fetal, em decúbito lateral, cabeça dirigida para sudoeste e face voltada para Norte ou Sul.

Sep. 8

Posição fetal, em decúbito lateral, cabeça dirigida para Norte ou para Sul, e face voltada para poente.

Núcleo B

Sep. 13 – fundadora

Posição fetal, em decúbito lateral, cabeça dirigida para Sul ou Norte e face voltada para Oeste.

Sep. 11

Posição fetal, em decúbito lateral, cabeça dirigida para nascente e face voltada para Sul.

Sep. 3

Posição fetal, em decúbito lateral, cabeça dirigida para NE ou para SW e face voltada para poente.

Núcleo C

Sep. 16 – fundadora

2.^a Inumação (restos osteológicos) – Posição fetal, em decúbito lateral direito, cabeça a NE.

Sep. 12

Posição fetal, cabeça dirigida para SW ou para NE e face voltada para NW ou para SE.

7. ARTEFACTOS DO EXTERIOR DAS SEPULTURAS

Tal como se verificou no Monumento I do Pessegueiro, também na área do Monumento II, no exterior das sepulturas, existiam numerosos fragmentos de cerâmica. Assim, a base da C.1 e o topo da C.2 (alteração do arenito mal consolidado do Plio-Plistocénico) dos Qs. A39-45, B39-45, C39-45, D39-45, E39-46, F39-46, G39-46 e H39-46 forneceram 3159 fragmentos de cerâmica de diferentes dimensões e estados de rolamento; só muito raramente permitiram colagens entre si. A fim de melhor conhecer a distribuição espacial desse material, analisaram-se os exemplares provenientes dos Qs. C-E/25-38, em número de 488. Observou-se, assim, que os fragmentos se distribuíam pela totalidade da área referida de modo não homogéneo, notando-se uma enorme concentração coincidente com a área do monumento sepulcral e um decréscimo brusco do número de exemplares logo que nos afastamos dessa área (Fig. 22), ou seja, no presente caso, quando progredimos para nascente ao longo dos Qs. C-E/25-36 (Fig. 23). Saliente-se que a esmagadora maioria da cerâmica exumada no exterior das sepulturas mostra tipologia comum em povoados (Fig. 24).

Observações similares haviam sido efectuadas quando estudámos o Monumento I. Apresentámos então a hipótese de “ter havido a deposição, possivelmente ritual, no seio dos recintos tumulares, de terra trazida do povoado, a qual continha, por conseguinte, fragmentos de cerâmica de todas as dimensões e pertencentes a diferentes vasos (SILVA & SOARES, 1979). Hipótese que mantemos neste momento.

Dos 3159 fragmentos de cerâmica provenientes da área do Monumento II (Qs. A-H/39-45 e E-H/46) seleccionámos os exemplares portadores de elementos de carácter morfológico (bordos, fundos, elementos de prensão) e decorativo que considerámos significativos para uma caracterização morfo-estatística dessa cerâmica. Obtivemos,

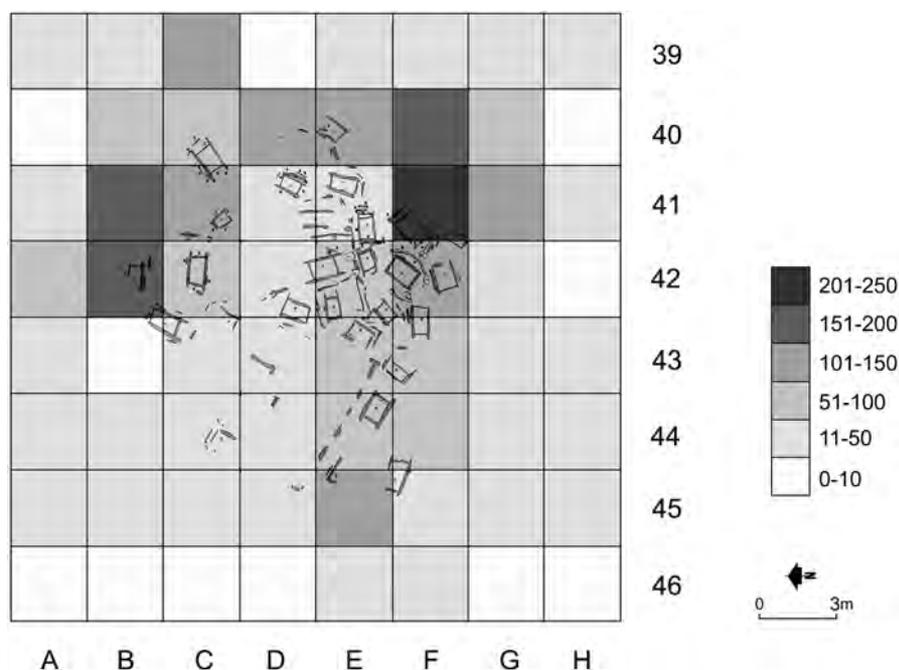


Fig. 22 – Distribuição espacial do número de fragmentos cerâmicos provenientes do exterior das sepulturas.

assim, 144 exemplares que analisámos no respeitante à textura da pasta, cor, tratamento das superfícies, forma, elementos de preensão e decoração.

Predominam as pastas compactas (95 exs., 70,0%) e, dentro destas, as que possuem abundantes e.n.p. entre 0,5 mm e 1 mm (74 exs., 51,4%). As pouco compactas (49 exs., 34,0%) ocorrem sobretudo nas formas 2 e 3.

A pasta fina (e.n.p. raramente superiores a 0,5mm) compreende 9 exs. (6,2%); a pasta média (abundantes e.n.p. entre 0,5 mm e 1 mm, raramente maiores), 97 exs. (67,4%); e a pasta grosseira (abundantes e.n.p. superiores a 1mm), 38 exs. (26,4%).

No que se refere à cor/ambiente de cozedura, predominam os exemplares (63 exs., 43,7%) de superfícies avermelhadas/acastanhadas e zona intermédias da fractura acinzentada/negra (cozedura redutora com fase de arrefecimento oxidante), embora sejam abundantes os que mostram a superfície externa acinzentada/negra (49 exs., 34%); os que oferecem essa cor quer nas superfícies quer em toda a espessura da fractura (cozedura e arrefecimento em ambiente redutor) são em número de 26 (18,1%).

A análise do tratamento das superfícies foi condicionada pelo estado de conservação das mesmas. Com efeito, a superfície externa mostrou-se bem conservada somente em 86 exs. e a interna, em 75 exs. As primeiras apresentam-se, predominantemente, bem alisadas (37 exs., 43,0%), seguindo-se, por ordem decrescente de frequência, as muito bem alisadas/polidas (24 exs., 27,9%), as mal alisadas (26,7%) e as providas de engobe e polimento (apenas 2 exs., 2,3%). Nas superfícies internas predominam igualmente as bem alisadas (31 exs., 41,3%) seguidas pelas mal alisadas (22 exs., 29,3%), muito bem alisadas/polidas (20 exs., 26,7%) e com engobe e polimento (2 exs., 2,7%). As superfícies mal alisadas ocorrem sobretudo em exemplares das formas 2 e 3, e as muito bem alisadas, em taças carenadas. Parece haver também uma estreita relação entre o tratamento da superfície e a textura da pasta, como aliás seria de esperar. Assim, os exemplares com superfícies bem alisadas possuem quase sempre pasta compacta com raros e.n.p. superiores a 1 mm, enquanto os de superfícies mal alisadas surgem geralmente com pastas pouco compactas e em que os e.n.p. são frequentemente superiores a 1 mm.

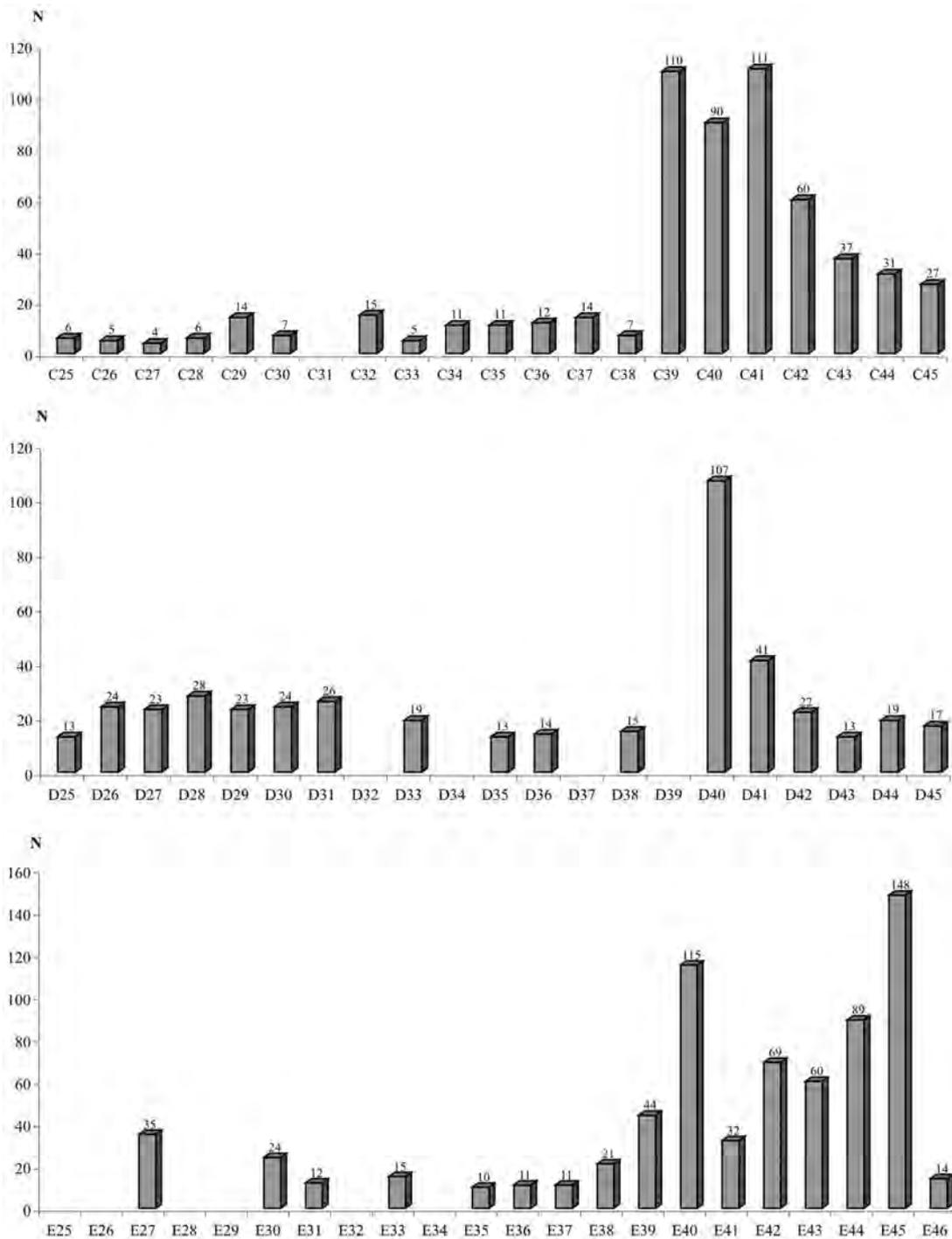


Fig. 23 - Distribuição do número de fragmentos cerâmicos ao longo das fiadas C, D e E da quadricula.

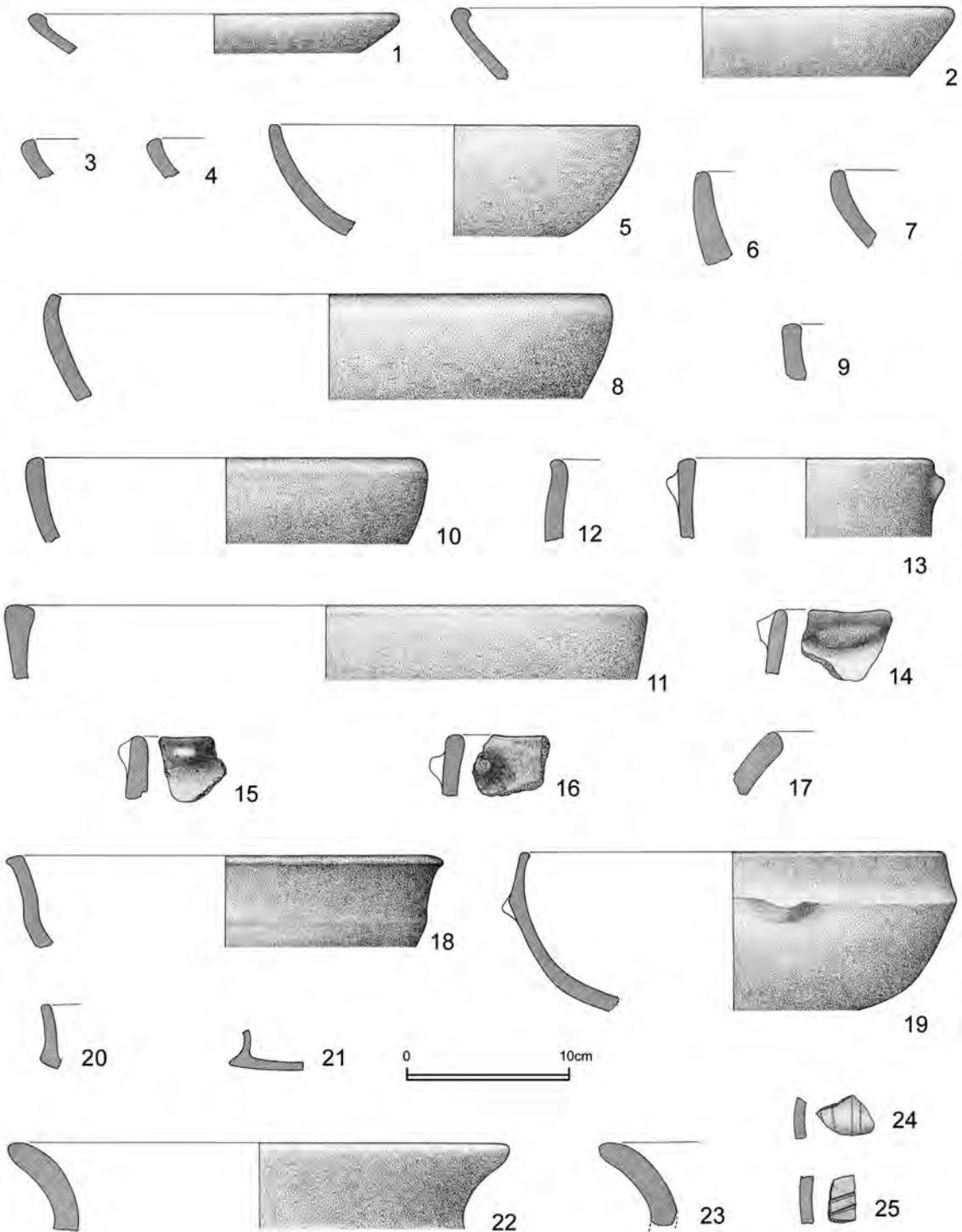
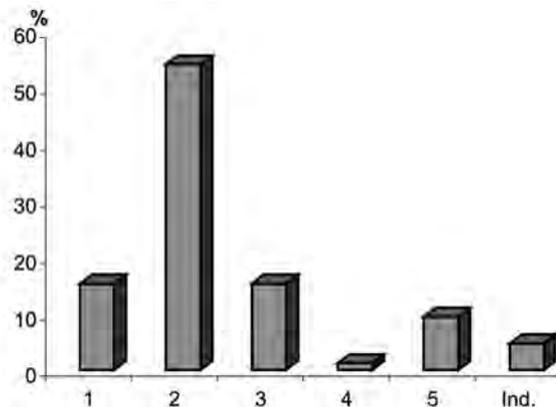


Fig. 24 - Cerâmica proveniente do exterior das sepulturas.

Quadro IV – Morfologia da cerâmica proveniente do exterior das sepulturas do Monumento II. Formas: 1 – prato ou taça baixa de bordo espessado internamente (Provença 1 e 2); 2 – taça de bordo simples ou com ligeiro espessamento (Provença 3-6); 3 – vaso alto de paredes subverticais e fundo plano (Provença 7 e 8); 4 – globular; 5 – taça carenada; Ind – *pithos* (?) de bordo extrovertido.

Forma	N	%
1	13	15,3
2	46	54,1
3	13	15,3
4	1	1,2
5	8	9,4
Ind.	4	4,7
T	85	100,0



A decoração ocorre em uma percentagem muito baixa, estando presente somente em 8 exs. de uma população de 3159 exs., o que corresponde a 0,2%. Relativamente ao número mínimo possível de recipientes (85 fragmentos com bordo) a frequência atinge os 9,4%.

A decoração é quase exclusivamente constituída por finas estrias brunidas ou ténues e estreitas caneluras, quase sempre paralelas. Um exemplar mostra uma fiada de pontuações circulares associada a estrias. Um mamilo alongado existente sobre a carena de uma taça pode ser considerado como forma de decoração plástica.

Na sua maioria, os exemplares decorados possuem pastas compactas e com raros e.n.p. superiores a 1 mm, e cor ou totalmente acinzentada/negra, ou com superfícies avermelhadas/acastanhadas e núcleo acinzentado/negro.

As únicas formas identificadas com decoração pertencem ao grupo das taças carenadas.

Para a análise da morfologia (Fig. 24) seguimos a classificação adoptada no estudo da cerâmica do Monumento I do Pessegueiro (exterior das sepulturas), apenas com uma pequena alteração que consistiu em considerar a forma 5 constituída não somente pela taça tipo Atalaia, mas por todas as variantes de taças carenadas.

Como se verifica pelo Quadro IV, predomina a forma 2 (taça), seguida a certa distância pelas formas 1 (prato ou taça baixa de bordo espessado internamente) e 3 (vaso alto de paredes subverticais e fundo plano); a forma 5 (taça carenada) é relativamente abundante e a forma 4 (globular), vestigial. Além das referidas formas, há ainda a assinalar o aparecimento de 4 fragmentos (4,7%) com bordo extrovertido (Fig. 24, n.ºs 22 e 23) que, pela sua espessura e diâmetro da boca, teriam pertencido a grandes recipientes cuja forma é porém indeterminada, podendo tratar-se de *pithoi* semelhantes a exemplares comuns em El Algar.

8. CRONOLOGIA

Pela análise tipológica dos artefactos, cerâmicos e metálicos, provenientes do interior das sepulturas, bem como da arquitectura, o Monumento II é atribuível à “Cultura do Bronze do Sudoeste”, tal como a definiu H. Schubart (1975), e, mais precisamente, à Fase II do que presentemente designamos por Bronze Pleno do Sudoeste.

A datação radiocarbónica (ICEN-867) calibrada, de meados do II milénio a.C., obtida a partir de ossos da primeira inumação da sepultura 16 (Quadro V), aponta para o início daquela segunda fase. Partimos da nossa pro-

Quadro V – Datações radiocarbónicas de jazidas do Bronze Pleno do litoral alentejano.

JAZIDA	LAB.	MATERIAL	DATAS BP	DATAS BP Iap*	DATAS CAL BP (2σ)
Casas Velhas (Melides). Sep. 14	OxA – 5531	Ossos humanos	3255±55		1670 – 1410
Casas Velhas (Melides). Sep. 35	Beta – 127904	Ossos humanos	3260±60		1680 – 1415
Pessegueiro. Mon. II Sep. 16	ICEN – 867	Ossos humanos	3270±45		1679 – 1442
Oliveirinha (concheiro)	ICEN – 727	Conchas marinhas	3460±50	3100±60	1510 – 1224

*Iap. (380±30 anos) – Idade aparente correspondente ao efeito de reservatório oceânico das águas costeiras de Portugal (SOARES, 1993). Calibração segundo PEARSON & STUIVER (1993).

posta que coloca a primeira fase do Bronze Pleno do Sudoeste entre 1900/1800 e 1600/1500 a.C. e a segunda entre 1600/1500 e 1200 a.C. (SOARES & SILVA, 1995).

Lembremos que H. Schubart (1975), na formulação do seu paradigma sobre a “Cultura do Bronze do Sudoeste”, baseada exclusivamente em critérios de ordem tipológica, datava o “Bronze I” (que, grosso modo, tem equivalência, em termos de cultura material, com o nosso Bronze Pleno I) de 1500 a 1100 a.C., e o “Bronze II do Sudoeste” (equiparável ao nosso Bronze Pleno II) de 1100 a 800/700 a.C. Por esta sistematização, o Bronze Final ou não era representado ou correspondia a curto lapso de tempo marcado por ruptura cultural com as preexistências.

9. PRÁTICAS FUNERÁRIAS E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Nos capítulos anteriores procedeu-se à apresentação do registo empírico do Monumento II do Pessegueiro, com a preocupação de o referir ao contexto regional do Sudoeste Peninsular, e em particular do Alentejo litoral, onde durante o Bronze Pleno se assiste a crescimento demográfico sem precedentes⁴. Essa análise arqueográfica fica agora disponível para interpretações teóricas diversas.

Tendo embora presente que 45% da informação relativa aos conteúdos sepulcrais se perdeu por efeito de violações (12 sepulturas profanadas em um total de 27) e que apenas uma sepultura forneceu espólio osteológico humano, restam-nos, ainda assim, evidências fortemente expressivas de uma sociedade acentuadamente hierarquizada, documentada pela estrutura arquitetonicamente hierarquizada de cada núcleo sepulcral: as sepulturas e respectivos recintos tumulares da área central de cada núcleo são os de maiores dimensões e em arenito dunar (matéria-prima mais exigente em investimento de esforço humano nas fases de extracção e talhe); as sepulturas e recintos tumulares da periferia são de menores dimensões e construídos em xisto.

O carácter individual do ritual funerário, transversal à área do Bronze Pleno do Sudoeste, é aqui claramente contido por uma estrutura arquitectónica (leia-se social) de articulação (rede de recintos tumulares), que nos remete ainda para modelo de organização social onde a componente parental e segmentária estariam presentes. Os quatro pólos ou núcleos do monumento foram agregando em sua área de influência novas sepulturas até ao esgotamento do espaço intersticial e à produção da imagem aparentemente confusa de um denso favo.

⁴ São numerosos os registos arqueológicos atribuíveis ao Bronze do Sudoeste, infelizmente muito delapidados pela actividade agrícola. Também no registo palinológico ficou patente a capacidade transformadora da paisagem pelas comunidades da fase II do Bronze Pleno do Sudoeste, no Alentejo litoral (MATEUS & QUEIROZ, 1997).

De acordo com esta lógica, as sepulturas periféricas cujos recintos tumulares surgem desligados da rede preexistente, à semelhança do que foi, igualmente, observado na necrópole de Alfarrobeira, revelariam afastamento em termos de parentesco relativamente ao segmento social tumulado no respectivo núcleo sepulcral (GOMES, 1994, p. 135). Pelo contrário, a estrutura polinucleada do monumento e a sua articulação a um nível hierarquicamente superior do complexo funerário do Pessegueiro, pode ser interpretada como a transferência para a esfera funerária do carácter segmentário ou da matriz comunitária da população do Pessegueiro. Teríamos assim o reconhecimento de três níveis principais da sua organização social: i) – unidade social básica, representada por cada um dos quatro núcleos sepulcrais; ii) – nível intermédio de relações sociais de parentesco, representado pela totalidade do monumento; iii) – nível de topo das relações sociais de parentesco, representado pelos cinco monumentos que integram a necrópole do Bronze Médio do Pessegueiro.

A distinta “riqueza” do conteúdo artefactual das sepulturas denuncia a existência de desigualdade social não só no interior de cada núcleo, como também entre os diversos núcleos.

Com efeito, a sepultura fundadora do núcleo A possuía o espólio de maior prestígio de todo o monumento e indicador de poder coercitivo (punhal de grandes dimensões em cobre, e taça carenada). Na periferia do mesmo núcleo, a sepultura 1, atribuível a uma mulher, forneceu um conjunto de 27 contas, pelo menos em grande parte de natureza exótica e três espirais em prata.

Nos núcleos B e C constatou-se a presença de sepulturas com dois artefactos (recipiente em cerâmica e punção em cobre na sepultura 13, fundadora, e na sepultura 11), sepulturas apenas com um recipiente em cerâmica (sepulturas 3 e 12) e sem qualquer espólio artefactual (sepulturas 4, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22). A sepultura fundadora do núcleo C (sepultura 16), construída para receber um homem com cerca de trinta anos de idade, objecto de remobilização, viria a ser reutilizada para a inumação de uma mulher com cerca de 45 anos, que teria mantido intensa actividade de trabalho manual, associada a longas deslocações (Anexo I), não recebeu qualquer espólio artefactual.

Esta realidade arqueológica mostra que a desigualdade social saturou diversos níveis das relações sociais. E se é possível interpretar a rede articulada de recintos como a expressão arquitectónica da matriz segmentária da comunidade do Pessegueiro, a sepultura fundadora do núcleo A não deixa dúvidas quanto à existência de riqueza e poder coercitivo organizado (tal como já era perceptível nas estelas do Bronze do Sudoeste) e estruturalmente transmissível pelo líder ao seu grupo restrito de pertença familiar ou outra, como parece patente através do conteúdo de prestígio de uma sepultura periférica, de última geração, do mesmo núcleo sepulcral (sepultura 1), pertencente a um elemento feminino, e contrastando claramente com a “pobreza” do conteúdo do enterramento também feminino da sepultura 16 (núcleo C). Face a estas evidências, adquire sustentabilidade a hipótese de estarmos perante uma formação social que conservando elementos do modo de produção linhageiro (TESTART, 1985, p. 238-244) se encontraria já na via da estratificação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-história de Portugal*. Lisboa. Ed. Verbo.
- COSTA, J. Botelho da (1975) – *Estudo e classificação das rochas por exame macroscópico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- GARCIA SANJUÁN, L. (1998) – *La Traviesa. Ritual funerário y jerarquización social en una comunidad de la Edad del Bronce de Sierra Morena Occidental*. Sevilla. Universidad de Sevilla.

- GIL-MASCARELL, M; RODRÍGUEZ, A. & ENRÍQUEZ, J. J. (1986) – Enterramientos en cista de la Edad del Bronce en la Baja Extremadura. *Saguntum*. 20, p. 9-41.
- GOMES, M. Varela (1994) – A necrópole de Alfarrobeira (São Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves. *Xelb. Silves*. 2, 162 p.
- GOMES, M. Varela; GOMES, R. Varela; BEIRÃO, C. Mello & MATOS, J. L. de (1986) – *A necrópole da vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular*. (Trabalhos de Arqueologia, 2). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- MATEUS, J.E., & QUEIROZ, P.F. (1997) – Aspectos do desenvolvimento, da história e da evolução da vegetação do litoral norte alentejano durante o Holocénico. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 49-68.
- PAVÓN, I. (1995) – La Edad del Bronce. *Extremadura Arqueológica*. 4, p. 35-65.
- SANTOS, M. Farinha dos; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1974) – Necrópole da Provença (Sines): campanha de escavações de 1972. *Arqueologia e História*. Lisboa. 5 (S.9), p. 69-99.
- SANTOS, M. Farinha dos; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1975) – A necrópole da Idade do Bronze da Provença (Sines, Portugal): nota preliminar. *Actas del XIII Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza, p. 417-432.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlím. Wolter de Gruyter & Co.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1979) – O Monumento I da necrópole do «Bronze do Sudoeste» do Pessegueiro (Sines). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, p. 121-153.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1980) – Cemitérios de cistas da Idade do Bronze da área de Sines. *Arqueologia*. Porto. 1, p. 24-28.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1981) – *Pré-história da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SOARES, A.M. Monge (1994) – O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do concelho de Serpa. *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 179-197.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1995) – O Alentejo Litoral no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 136-139.
- TESTART, A. (1985) – *Le communisme Primitif. I – Économie et idéologie*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1908) – Estudos sobre a Época do Bronze em Portugal. *O Archeologo Português*, Lisboa. 13, p. 300-313.